

**Neoliberalismo em Jogo: Uma Investigação sobre o Sofrimento Psíquico de Criadores
de Conteúdo em Plataformas de *Streaming***

**Pedro Saraiva de Oliveira – RA: 21703816
Orientador: Prof. Juliano Moreira Lagoas**

**Neoliberalismo em Jogo: Uma Investigação a Respeito do Sofrimento Psíquico em
Criadores de Conteúdo em Plataformas de *Streaming***

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB como requisito parcial à
conclusão do curso de Psicologia.
Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

Folha de Avaliação

Autor: Pedro Saraiva de Oliveira

Título: Neoliberalismo em Jogo: Uma Investigação a Respeito do Sofrimento Psíquico em Criadores de Conteúdo em Plataformas de *Streaming*

Banca Examinadora

Dr. Juliano Moreira Lagoas- Orientador

Dr. Guilherme Freitas Henderson- Parecerista

Ma. Livia Campos e Silva- Avaliadora

Brasília DF, dezembro de 2021

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço ao meu pai Flávio. Sem você, eu, literalmente, não seria nada. Obrigado não apenas por me permitir ter acesso à educação, mas também por me dar apoio em todas as vezes nas quais decidi desistir de tudo, apenas para começar de novo. À minha mãe, eu devo o mundo. Obrigado por acreditar em mim com todo o seu coração quando nem vivo eu gostaria de estar. Obrigado, mãe, por tudo que você quis me dar e não pôde e por tudo que me deu sem poder, obrigado por todos os cafés, por todos os ombros e colos maternos, obrigado por cada briga que me permitiram ser quem sou hoje. Obrigado às minhas irmãs que me ajudaram a ser o homem que sou hoje.

Aos meus amigos do Balão que me mostraram o que é o amor na amizade. Mais especificamente ao meu amigo Athos, que de uma forma ou de outra salvou a minha vida e esteve comigo sempre. Ao meu amigo Poodle, por ser o irmão que eu nunca tive. Ao meu amigo André, pelo amor e afeto genuíno. Ao meu amigo Puchalski que, por muito tempo, foi meu companheiro do dia a dia, estando comigo nos piores momentos.

À minha amiga Ana Lot, que foi a mais agradável surpresa deste curso. À Aline Picoli, que como uma das minhas melhores amigas, sempre é uma figura de referência para mim. Ao meu eterno trio de faculdade, aos quais devo uma menção especial em meu diploma, Célia e Camila, companheiras de todos os trabalhos que pudemos fazer juntos e de todas as provas pelas quais sofremos juntos. À Fernanda e Mila que tiveram uma importância colossal no compartilhamento das angústias neste período tão duro da graduação.

Às mais lindas histórias que vivi nesse curso.

Ao grande mestre Juliano, que desde o primeiro semestre, ao me ensinar epistemologia, plantou uma semente numa cabeça de solo árido e duro. A todos os meus professores, mas mais especificamente aos professores Fred, Fabiana, Ciomara, Tânia Inessa, Guilherme, Simone Cerqueira, Léo, Leonor, Áurea, Guto, Manuela e à ex coordenadora Simone Roballo, meu mais sincero obrigado pela dedicação na construção de um curso de

qualidade. À toda equipe do Centro de Formação do CEUB. Dos seguranças à secretaria, muito obrigado.

À Luiza que me mostrou amor e apoio de formas que eu desconhecia, reinventando o que eu compreendo enquanto afeto.

À minha primeira analista, Júlia Lagos, que acompanhou a derrocada e a construção de um sujeito em crise. Obrigado por ter sido a mão invisível que segurou a minha trêmula mão diante do desafio que tínhamos pela frente.

Por fim, agradeço a mim mesmo por ter perseverado e por não ter desistido de mim. O orgulho imensurável que tenho de ter produzido este trabalho e de ter me tornado quem me tornei, dão sentido a todo sofrimento e angústia que um dia já senti.

“Quando a tempestade tiver passado, mal te lembrarás de ter conseguido atravessá-la, de ter conseguido sobreviver. Nem sequer terás a certeza de a tormenta ter realmente chegado ao fim. Mas uma coisa é certa. Quando saíres da tempestade, já não serás mais a mesma pessoa. Só assim as tempestades fazem sentido.” Haruki Murakami – Kafka à Beira-Mar

“Cada um sabe a dor e o sabor de se ser o que é”.-Caetano Veloso.

Sumário

Introdução	1
Objetivos	10
Capítulo 1 - Neoliberalismo, Sofrimento Psíquico e Psicanálise	11
(i) Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico	11
(ii) Sobre o Ambiente Virtual e Relações com a Angústia e o Desamparo	16
(iii) A Fantasia Como Defesa Frente à Angústia	24
Sobre a Análise de Discurso e a Pesquisa em Psicanálise	28
(i) Análise de Discurso	28
(ii) Da Análise de Discurso à Pesquisa Psicanalítica	30
Procedimentos de Coleta de Dados	33
Procedimento de Análise dos Dados	33
Capítulo 2 - Análise do Material	34
(i) O Ambiente Virtual e suas Relações com a Angústia e a Lógica do Condomínio	34
(ii) A Fantasia como Defesa Frente à Angústia e o Desamparo	42
Considerações Finais	58
Referências	61
Anexos	66
Anexo 1 – TCLE	66
Anexo 2	69
Anexo 3	70
Anexo 4	71
Anexo 5	72
Anexo 6	73
Anexo 7	74
Anexo 8	75
Anexo 9	76

Resumo

A emergência de novas profissões na sociedade neoliberal é acompanhada pela produção de novas formas de sofrimento. Partindo dessa ideia, a monografia aqui apresentada, busca investigar a inserção do fenômeno dos *streamers* na sociedade contemporânea, procurando compreender alguns dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por esses sujeitos. Buscamos compreender o fenômeno a partir do impacto da lógica neoliberal e o impacto da exposição digital nos processos de sofrimento psíquico em *streamers*. Para isso, apresentou-se inicialmente a caracterização da sociedade neoliberal, suas relações com o sofrimento psíquico e introduzimos o fenômeno do *streaming*. Em sequência, apresentamos elementos da teoria psicanalítica que se associam ao fenômeno do *streaming* como angústia de castração e fantasia. Em seguida, é apresentado o método dessa pesquisa, a Análise de Discurso e sua relação com a pesquisa psicanalítica. Posteriormente são apresentados e analisados trechos das entrevistas realizadas. Os trechos destacados e analisados são aqueles que possuem alguma relação com a fundamentação teórica apresentada no capítulo 1 e relativos aos conceitos da lógica do condomínio, como compreendida por Christian Dunker. Foi possível aferir o caráter adoecedor do impacto do neoliberalismo na sociedade contemporânea, formas de sofrimento como descritas pela psicanálise e corroboração com estudos apresentados no capítulo 1. A partir das informações coletadas por este estudo, podemos compreender a necessidade de se estudar os novos fenômenos sociais compreendidos como as profissões delirantes e sua inserção no meio digital e os impactos do neoliberalismo na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *Streaming*; Neoliberalismo; Sofrimento Psíquico; Psicanálise; Cancelamento.

Introdução

Este trabalho começa com uma história que, infelizmente, é uma entre tantas que eu poderia estar contando. Poderia estar falando de Byron, Ohlana ou Lucas Santos. Mas no caso falo de Daniel Desmond Amofah, conhecido como Etika, que, em 2012, inaugurou seu canal no YouTube e iniciou uma grande trajetória de sucesso ao lado de grandes marcas da indústria de jogos eletrônicos como a Nintendo. Com seus vídeos ganhou muita popularidade, chegando a 800 mil inscritos em suas plataformas de mídias sociais. Após se envolver em polêmicas em 2016 e 2017 (D’Anastasio, 2016), em outubro de 2018, Etika postou um vídeo com conteúdo pornográfico em seu canal no YouTube, tendo sido banido da plataforma por violar os termos de serviço. Em 2019, o canal secundário de Etika na plataforma foi banido pelo mesmo motivo. Em outubro de 2018, teve seu canal banido na *Twitch.tv* por conta de postagens ofensivas no Twitter.

Após o encerramento de seus canais, Etika começou a postar mensagens veladas de suicídio, chegando a postar “é minha vez de morrer” (tradução livre) na legenda de uma foto do print de seu canal banido (ver Anexo 4). Em abril de 2019, Etika postou em seu twitter que ele iria se matar com uma pistola que ele havia comprado, o que levou a sua prisão e internação (D’Anastasio, 2019). Semanas depois, Etika postou uma série de tweets ofensivos e bloqueou diversos amigos (Katzowitz, 2019). Etika ia, lenta e dramaticamente, se afastando daqueles que o consideravam seu amigo.

Vinte de junho de 2019, ao bater o horário de meia noite, aparecia a notificação do YouTube, Etika havia postado um vídeo em seu canal pessoal (TR1Iceman). O título, “I’m sorry”, traduzido para o português como “Me desculpe”. No vídeo, Etika faz um desabafo,

um pedido de desculpas e um aviso. Na descrição do vídeo, adiciona uma nota reiterando algumas falas do vídeo e se despede.

A última vez que Etika deu algum sinal de vida foi às 23:16, da noite do dia 19 de junho, 44 minutos antes da postagem pré-programada do vídeo. Este sinal de vida foi um comentário num vídeo da música 90210, de Travis Scott. Etika escreveu “Daora...” (tradução nossa) em sua conta pessoal (TR1Iceman) (ver anexos 5,6 e 7).

Esse comentário foi possivelmente a última palavra de Etika e a música, possivelmente, a última também. No dia dezenove de junho, a polícia de Nova Iorque encontrou seus pertences na ponte Manhattan. No dia vinte de junho, Etika foi declarado como desaparecido pela polícia. No dia vinte e cinco de junho, o corpo de Etika foi encontrado e identificado no rio abaixo da ponte onde seus pertences foram encontrados.

Na descrição do vídeo postado às 00:00, escreve:

(...) Sinto muito por ter que terminar numa nota de partir o coração. Apesar de eu ter certeza que uma porrada de gente provavelmente vai rir disso *LOL*, só espero que uns *memes* novos resultem disso. Estou morrendo como um cara odiado por muita gente, então sei que vocês não vão me decepcionar haha (Etika, 2019). (tradução livre).

Etika cometeu suicídio aos 29 anos. Em seu vídeo, deixou uma mensagem:

Eu espero que a minha história talvez ajude a tornar o YouTube um lugar melhor de alguma forma no futuro, ao ponto das pessoas saberem as fronteiras e os limites de até onde as coisas devem ir. (...) Que a minha história seja uma que aconselhe cuidado com essas merdas de rede social, cara. Isso pode te foder (Etika, 2019). (tradução livre).

Neste trabalho faremos questão de investigar o contexto compreendido como *streaming*, tendo em vista que a realidade apresentada por Etika é produtora de sofrimento psíquico. Não se trata de um estudo de caso, mas de tomar o caso de Etika como um demonstrativo de uma realidade que merece atenção dos estudos psicológicos. Abordaremos, nesta pesquisa, a partir de um ponto de vista psicossocial, os processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por *Streamers*, uma das novas profissões da pós-modernidade.

Etika era um *Streamer*, profissão que, como o blogueiro de *Instagram*, não existia há vinte anos. *Stream* é antes de tudo uma forma de consumir conteúdo. Diferente do *download*/baixar, o *Stream* é um conteúdo reproduzido instantaneamente. Popularizado inicialmente pela Netflix e reapropriado pela *Twitch.tv*, o fenômeno do *streaming* deu dois passos para trás e resgatou a sensação de convivência proporcionada pela televisão ao vivo, oferecendo recursos para que cada ser humano tivesse seu próprio canal para transmitir conteúdo ao vivo (Sjöblom e Hamari, 2017).

Para se ter uma dimensão do que significa e qual posição ocupa atualmente na indústria de entretenimento digital, farei um breve histórico da *Twitch.tv*. A plataforma surgiu em 2007 sob o nome de *Justin.tv*, fundada por Justin Kan e Emmett Shear. No início, a plataforma possuía várias categorias de transmissão de conteúdo, incluindo a de jogos. Especialmente esta categoria se destacou das outras, tendo crescido rapidamente. Esse crescimento motivou a *Justin.tv* a criar um site separado para seu público *gamer*. Desta forma, em 2011, é criada oficialmente a *Twitch.tv*. A plataforma seguiu crescendo de forma exponencial, atraindo a atenção de grandes empresas do mercado, como o *Google* e a

Amazon. Em 2014, a *Amazon* efetivou a compra do site de transmissões online por 970 milhões de dólares, à vista, segundo o site *Business Insider* (Kim, 2014).

Segundo dados fornecidos pelo *twitchtracker.com*, na época da aquisição, a plataforma possuía 351 mil espectadores simultâneos ao vivo, 9 mil canais simultâneos ao vivo, e 1,5 milhões de *streamers* mensais. Em 2020, a plataforma possuía 2,94 milhões de espectadores simultâneos ao vivo (mais de 8x o número de 2014), 120 mil canais simultâneos ao vivo (mais de 13x o número de 2014) e 9,67 milhões de *streamers* mensais (mais de 6x o número de 2014) (dados consultados em março de 2021).

Com um crescimento tão significativo, outras empresas lançaram suas próprias plataformas de *streaming*, como o *YouTube Gaming*, *Facebook Gaming* e *Mixer* (da *Microsoft*). A dominância mercadológica da *Twitch.tv*, no ramo de *streaming* de conteúdo ao vivo, pode ser evidenciada pelos comparativos elaborados pelo *Streamlabs*. Entre as principais plataformas de *streaming*, o conteúdo consumido por espectadores soma 8,26 bilhões de horas assistidas no quarto semestre de 2020 (outubro-dezembro), sendo que, de todas essas horas, 65,8% foram na plataforma *Twitch.tv*. O total de horas de conteúdo produzido por criadores, soma 255,4 milhões de horas no mesmo período de tempo, sendo 90,2% dessas horas na plataforma *Twitch.tv* (May, 2021).

Com o crescimento da plataforma, a *Twitch.tv* criou políticas de monetização para os criadores de conteúdo (detalhado no glossário, ver Anexo 3). As plataformas que surgiram, após a *Twitch.tv*, estabeleceram sua própria forma de monetização, tendo como modelo a política de monetização idealizada pela empresa pioneira. Grande parte das formas de monetização das plataformas de *streaming* depende do apoio da chamada comunidade do canal, sendo assim, é importante salientar os resultados da pesquisa de Matsumoto (2019), em

que investigou os fatores de sucesso nas plataformas de *streaming* na percepção dos consumidores. Os resultados incluem:

- *Streamer* ser descontraído e divertido: 88,3% consideram “extremamente importante” ou “muito importante”.
- *Streamer* ser atencioso com o público/*chat*: 61,7% dos participantes consideram “extremamente importante” ou “muito importante” e 25% consideram “moderadamente importante”.
- *Stream* ter horários fixos: é considerado “extremamente importante” ou “muito importante” por 58,4%, e “moderadamente importante” por 18,3% dos participantes.
- Identidade visual e qualidade das transmissões: são considerados “extremamente importante” ou “muito importante” por 93,3% dos participantes.

Como notado acima, a remuneração do criador de conteúdo depende da disposição de terceiros abrirem mão de seus próprios recursos financeiros para ceder a um outro; logo, nos faz questionar: o que leva essas pessoas a consumirem e pagarem por esses conteúdos? Ao assistir *streams*, os espectadores têm objetivos, como a procura por informações a respeito de jogos e de como jogar. Além destes fatores informativos, as *streams* proporcionam um escape cognitivo ao indivíduo, na medida em que, aquele que assiste às transmissões tem como um de seus objetivos evitar pensamentos desprazerosos, caracterizando o consumo de um conteúdo hedonístico (Sjöblom e Hamari, 2017).

Além dos motivos apresentados acima, há diversos recursos exclusivos para os inscritos do canal, como: sessões de jogos com *chat* exclusivo para inscritos, sorteios mensais e *emojis* personalizados. Estes fatores motivam o sujeito a se inscrever em um certo canal. A definição desses benefícios fica a critério do criador de conteúdo, sendo assim, este pode criar formas de interação cada vez mais dinâmicas e inovadoras. Após a compra da plataforma *Twitch.tv* pela *Amazon*, os serviços comercializados pelas duas empresas ofertaram alguns tipos de conexão entre si, criando o *Prime*, que é um “*ticket*” de inscrição paga vinculado às contas da plataforma de *streaming* de vídeos (não ao-vivo) *Amazon Prime*.

Segundo o estudo de Sjöblom e Hamari (2017), a sensação de comunidade ao assistir transmissões de jogos ao vivo não apenas aumenta a quantidade de horas assistidas, como é o fator mais importante ao seguir e inscrever-se em canais. Também é possível pensar numa dimensão nostálgica do serviço oferecido pela *twitch.tv*. Parece contraditório pensar em como um serviço tão atual poderia despertar nostalgia. Ainda assim, o *streaming* resgata sensações vividas por jovens nos arcades ao ver o “mestre” jogar; aproxima os adultos de suas infâncias em *LAN houses* e reinventa a experiência do jogo ao promover essas conexões num mundo tão individualizado, mesmo na posição de espectador.

À luz das ideias e reflexões acima apresentadas, esta pesquisa parte das seguintes questões: Qual o lugar do fenômeno do consumo de *streams* nas dinâmicas psíquicas na contemporaneidade? Em que sentido as plataformas de *streaming* nos ajudam a compreender alguns dos ideais de vida característicos de nossa época? Quais as modalidades de satisfação e de sofrimento psíquico estão implicadas no fenômeno do consumo de *streams*?

A cultura do *live streaming* se insere numa sociedade neoliberal marcada pelo individualismo, pelo primado da produção e do desempenho. Catalisado pela flexibilização e

precarização do trabalho, tendo como um dos princípios a substituição das instituições de Estado pelas instituições de mercado (Sousa, 2019). A *twitch* é o retrato de um modelo econômico/social, na medida em que, a empresa americana se porta não como uma empresa, e sim, como uma entidade etérea, de difícil captação e percepção de qual é seu papel na equação do fenômeno apresentado. A *twitch* é apenas uma plataforma ou ela pode ser pensada a partir de diferentes lugares?

O fenômeno da "uberização do trabalho" (Sousa, 2019) pode ser compreendido como uma nova forma de organização das relações de trabalho. Essa nova organização é “caracterizada pela descentralização do processo de produção e outra forma de propriedade dos meios de produção” (Sousa, 2019, p.54). A etimologia do conceito remonta ao nome da empresa/ aplicativo de mobilidade urbana *Uber*. Partindo do estudo de Sousa (2019), compreendemos que a precarização do trabalho é associada à insegurança laboral, estando o empregado sujeito às arbitrariedades do empregador, levando o homem a se sujeitar às novas regras do regime monetário e atendendo, sob medida, às demandas do mercado.

Esse conceito sobre a realidade trabalhista do século XXI se insere num contexto econômico que, para além das premissas do neoliberalismo, é compreendida como Economia Compartilhada. Souza e Lemos (2016, p. 1759) definem esse modelo econômico como “(...) A economia do compartilhamento está baseada no uso de tecnologia da informação em prol da otimização do uso de recursos através de sua redistribuição, compartilhamento e aproveitamento de suas capacidades excedentes”. Poderia a *Twitch.tv* ser considerada uma empresa da economia compartilhada como o *Uber* e o *Airbnb*?

Busco salientar o trabalho de Kramer (2017), quando questiona:

é necessário questionar-se se não há por trás da ideia da cooperação e da solidariedade um mascaramento que visa esconder a precarização das relações de trabalho, bem como, uma nova forma de apropriação dos lucros pelos grandes investidores e corporações, restando às pessoas que colaboram nessa relação, apenas contribuir com seu patrimônio e trabalho, pois a maravilha do trabalhador independente não existe (Kramer, 2017, p. 69).

Referenciando ainda o mesmo trabalho, Kramer (2017), apoiando-se em Soeiro e Campos (2016), demonstra que o empreendedorismo é vendido como uma solução para o desemprego a partir dos princípios de liberdade econômica e de autonomia dos trabalhadores. Prossegue dizendo que, inevitavelmente, essa ideologia leva o sujeito e a sociedade a acreditarem que os indivíduos são única e exclusivamente responsáveis pela realidade na qual estão inseridos, isentando a sociedade, o Estado e as organizações de seus papéis sociais.

Essa reflexão é importante tendo em vista a natureza do empreendimento e profissão da qual se trata aqui. *Streamers* são, formalmente, criadores de conteúdo e criam conteúdo *em* uma plataforma, para não dizer *para* a plataforma. A figura etérea da *Twitch.tv* enquanto empresa/plataforma, se demonstra pelas contribuições de Sousa (2019) quando afirma que

o sujeito que procura entender o que é o *Twitch* se depara com o apagamento do sentido que realmente o define enquanto “empresa”, por uma rede de sentidos que já circulam no universo dos jogadores: comunidade-clã-família-grupo de amigos (Sousa 2019, p. 51).

A oportunidade proporcionada pela *Twitch* é a realização de um sonho: poder ganhar dinheiro fazendo o que você ama, jogando. A mensagem é clara em seu próprio site: “O Programa de Afiliados da *Twitch* coloca os *streamers* qualificados um passo adiante para alcançar o sonho de trabalhar com o que amam fazer” (Twitch, para. 1).

O jogo é um passatempo como compreende o senso comum, mas como objeto do discurso, que irá compor o imaginário do sujeito-streamer, passa a ser a realização de uma profissão dos sonhos. (...) Portanto, entendo que ser um “criador”, ou um streamer, disfarça uma relação de prestação de serviço para a empresa Twitch.tv (Sousa, 2019, p. 53)

Até aqui explicamos o que é o fenômeno do *streaming* e qual cenário ele se encontra. Pouco se falou, entretanto, do *sujeito-streamer*. A promessa de ganhar dinheiro fazendo o que ama é muito atrativa, mas é evidente que a promessa é frágil. Cabe-nos, então, interrogar sobre as modalidades de satisfação implicadas no processo de criação e consumo de conteúdo. Não são todos que conseguem se sustentar financeiramente criando conteúdo online, não é simplesmente *jogar e ganhar dinheiro fazendo o que você ama*.

Como pesquisador, encontro-me na obrigação de investigar para além das grandes histórias de sucesso e das inúmeras promessas, na tentativa de compreender a realidade do *sujeito-streamer*. Iniro uma reflexão a respeito dos fatores de sucesso associados às *streams*. A regularidade, frequência das transmissões e longos períodos de transmissão são fatores considerados essenciais para se conseguir obter sucesso como *streamer* na plataforma (Matsumoto, 2019). Johnson (2018) ressalta que os padrões informais de sucesso para *streams* são extenuantes, exigindo um nível de dedicação que nem sempre pode ser atendido por aqueles que querem *viver seus sonhos* e não possuem condições biopsicossociais para tal.

Em busca de produzir conteúdo mais atrativo, *streamers* acompanham as estatísticas de seus canais para verificar qual tipo de tópico sua comunidade mais consome. Esse acompanhamento constante das estatísticas do canal é um elemento que já demonstrou ser gerador de sofrimento psíquico, segundo o estudo de Johnson (2018). As afirmações feitas pelo autor são pertinentes, ao levar em consideração o sujeito que cria esse conteúdo. Afinal,

como o criador enxerga as variações das estatísticas de seu canal? Com a queda dos números e se atentando para que tipo de assunto a comunidade está buscando, o *streamer* pode buscar produzir conteúdo sobre elementos que estão fora do seu nicho. Quais os efeitos de se produzir conteúdo diariamente sobre um contexto com o qual o criador não se identifica?

Muitas vezes a comunidade de um *streamer* é fixada com a produção de conteúdo direcionado, o que pode tornar a vida do *streamer* monótona e tediosa. O criador se encontra preso a um conteúdo, tendo em vista que, trocar de conteúdo pode significar o fim de sua relevância na plataforma. A ambivalência afetiva em relação a seu próprio trabalho é evidente.

Johnson (2018) ressalta a exposição constante do *streamer* e as diversas consequências dessa exposição como: ser alvo de *trolls* na internet e a constante obrigação de entreter. A performance ao vivo, leva ao espetáculo de si, a espetacularização de algo rotineiro e banal como jogar um jogo ou mesmo do seu próprio ser. Montardo, Fragoso e Amaro (2017, p.50) compreendem que a performance, no contexto das *streams*, pode ser analisada a partir da noção de “entreter, fazer algo belo, marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade (...)”.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é investigar o fenômeno dos *streamers* na contemporaneidade, procurando compreender alguns dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por esses sujeitos.

A partir deste objetivo geral, propõe-se os seguintes objetivos específicos: (i) verificar o impacto da lógica neoliberal nos processos de sofrimento psíquico em *streamers*; (ii) identificar as diferentes formas de sofrimento psíquico que podem afetar este grupo.

Capítulo 1 - Neoliberalismo, Sofrimento Psíquico e Psicanálise

Serão apresentados a seguir, algumas das bases teórico-conceituais a partir das quais a pesquisa será realizada. Essa apresentação se dividirá nos seguintes eixos temáticos: (i) neoliberalismo e sofrimento psíquico; (ii) sobre o ambiente virtual e suas eventuais relações com a angústia e o desamparo; (iii) a fantasia como defesa frente à angústia.

(i) Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico

O intuito deste trabalho é explorar o sofrimento psíquico atrelado ao exercício de uma profissão que, ao final do século passado, seria apenas imaginada num filme distópico. Com o avanço do neoliberalismo, o ritmo de mudanças sociais, no que tange à realidade concreta da sobrevivência no mundo ocidental, o trabalho, se altera numa escala exponencial. A cada momento, novas formas de monetizar cada aspecto da vida humana aparecem, e, assim, a linha entre o pessoal e o profissional, entre o hobby e o trabalho, se tornam turvas, quando não inexistentes.

É importante notar que a realidade que apresentamos não é produto de um caos, não se pode ignorar o que alimenta e torna possível a sociedade da qual se trata aqui, que é marcada pelo neoliberalismo. Harvey (2005) descreve o neoliberalismo como uma teoria político-econômica. Esse modelo é caracterizado pelo ideal de que o bem-estar humano pode ser produzido com mais eficácia, pela promoção da capacidade empreendedora individual. Este sistema é patentado pela liberdade comercial e propriedade privada. Neste modelo, o papel do Estado é garantir que o sistema se sustente, protegendo recursos financeiros e mantendo instituições de controle social, como a polícia e o exército, garantindo o direito à propriedade privada e assegurando o rendimento comercial. O neoliberalismo toma seu lugar

de destaque nos anos 70, evidenciado pelas políticas de desregulação financeira, privatizações e o desmantelamento de políticas de bem-estar social.

O neoliberalismo é definido por Bourdieu (1998) como uma “utopia” política, um programa para destruir metodicamente coletivos, que se mostrem uma ameaça para o livre funcionamento do modelo neoliberal. O desmantelamento de coletivos, como os sindicatos, abre margem para o líquido, descartável. Vivemos em uma época marcada pela flexibilidade laboral, com contratos temporários e curtos, individualização da remuneração, avaliações permanentes e implementação de metas e objetivos. Todos esses traços são evidências de uma sociedade Darwinista (Bourdieu, 1998), em que impera a competição desenfreada dos sujeitos, motivada pela insegurança como consequência do medo constante do desemprego.

A relação entre empregado e empregador, no neoliberalismo, é marcada pelo desempenho maximizado pela angústia, pelo sofrimento e pela docilização dos corpos, promovida pelos processos de controle social. Um fator importante a se somar a essa equação perversa é a manutenção de um contingente significativo de desempregados, de forma que, qualquer empregado saiba que ele é facilmente substituível. Esta noção é chamada de “violência estrutural do desemprego” (tradução nossa) (Bourdieu, 1998, para. 9). Segundo Dardot & Laval (2016), o neoliberalismo possui uma dimensão agonística da competição e da rivalidade interpessoal.

Atualmente, um número considerável de líderes de organizações internacionais e governos adotam políticas neoliberais. As influências do neoliberalismo são tão disseminadas que se tornou um *Zeitgeist*, termo utilizado por Herder para descrever o "espírito de um tempo", mais precisamente, o espírito cultural, intelectual, ético, filosófico, político e econômico associado a uma certa época (Klikauer, 2016). Essa definição se mostra alinhada

com as próprias palavras de Harvey (2005, p. 3), para quem “o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo”.

O sujeito, inserido numa realidade histórica e social, tem seu processo de subjetivação afetado por este contexto. Os sujeitos formados pelo neoliberalismo são compreendidos como “capital humano” ou “empresários de si” (Caponi & Daré, 2020). Segundo Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é individualizante em sua essência, e o suposto motivo “lógico” para essa individualização é a defesa que apenas o indivíduo tem informações ambientais (conhecimento pleno dos dados) suficientes para tomar uma decisão “correta”.

No neoliberalismo, o sujeito é o único que pode avaliar todas as contingências de suas ações, logo, o sujeito deve se governar, a fim de maximizar tudo que seja maximizável. Esse autogoverno, a partir das informações ambientais, é nomeado pelos autores franceses de *Entrepreneurship*. Partindo do princípio que todo sujeito tem um traço empreendedor e é papel da economia de mercado alimentar esse traço, sendo assim, o mercado é um processo de formação de si (Dardot & Laval, 2016). A economia molda a forma de se pensar e avaliar as decisões humanas, priorizando sempre a maximização e produção. Um dos principais teóricos do neoliberalismo, Ludwig von Mises, diz

O empresário, como todo agente homem, é sempre um especulador. Lida com situações futuras e incertas. Seu sucesso ou fracasso dependem da acuidade com que antecipa a ocorrência de eventos incertos. Se falhar no seu julgamento do que deverá ocorrer, está condenado ao fracasso. A única fonte de onde brota lucro de um empresário é a sua capacidade de antecipar melhor do que outras pessoas qual será a demanda futura dos consumidores (Mises, 1966, p. 350).

É importante ressaltar que Mises, ao dizer “o empresário, como todo agente homem” (1966, p.350) não está falando apenas do empresário, dono de empresa, dono dos meios de produção. Mises (1996), se refere a todos os sujeitos inseridos na realidade neoliberal.

O mundo pós-moderno, do qual tratamos, é, para além da sociedade disciplinar de Foucault, a sociedade de desempenho. Não é necessária a queda da sociedade disciplinar para o levante da sociedade de desempenho. A sociedade de desempenho se soma à sociedade disciplinar. A sociedade disciplinar pulsa ainda hoje, mas pela disciplina do desempenho e pela proibição do ócio e do vazio. A regra se torna o imperativo do desempenho. O cerne do sofrimento na contemporaneidade é pela superprodução e pelo excesso (Han, 2015). A produção de patologias a partir do neoliberalismo, é sustentada nas palavras de Caponi e Daré (2020) ao citar Foucault (2005) quando diz que, essa racionalidade econômica, de ganhos e maximização, passa a dominar todas as esferas da experiência humana, como as relações pessoais e profissionais.

Certamente, de relance, parece ilógico sofrer por ter demais ou por ser incentivado a realizar ao infinito. Han (2015), é feliz no paralelo biológico que desenvolve quando exemplifica o adoecimento pós-contemporâneo pela via da noção de células cancerígenas. É nesse exemplo, que vemos como se adocece pela via do excesso. Pela reprodução desenfreada de si. Nada mais claro do que em suas próprias palavras: “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta” (p.11). Sintomas como o esgotamento, depressão e a síndrome de Burnout, são sinais de uma violência que está enraizada no próprio modelo de funcionamento da sociedade pós-contemporânea.

A ascensão do neoliberalismo ao *status* de modelo sócio-econômico hegemônico afeta também o campo da psicologia e o discurso psicanalítico. A teoria criada por Freud perde espaço dentre as terapias de destaque no século XXI. Terapias que prometem resultados rápidos são favorecidas, em detrimento do tratamento analítico, que, por vezes, parece inadequado para a realidade em que vivemos, seja pelo preço ou pelo tempo demandado para a análise (Guarità, 2020).

Resgatando a necessidade do neoliberalismo de excluir elementos que denunciem as contradições sociais (como os sindicatos) potencializadas por este modelo econômico, também entendemos que a forma como tratamos e nos referimos ao sofrimento psíquico muda com a ascensão do mais recente modelo hegemônico de organização econômica e social (Dunker, Silva & Safatle, 2021). O avanço da farmacologia na década de 50 e a primazia das neurociências na década de 70, nas questões relativas ao tratamento do sofrimento psíquico, são o início de uma mudança da compreensão relacional e social do sofrimento psíquico. As mudanças passam a considerar o caráter biológico e a disfuncionalidade social como critérios de validação de sofrimento psíquico (Dunker, Silva & Safatle, 2021).

A disciplina social neoliberal deve anular tal dimensão de revolta que se exprime no sofrimento psíquico. “Por isso, ela deve reconstruir completamente o que podemos chamar de gramática social do sofrimento” (Safatle, 2021, p. 26). Essa reconstrução gramatical ocorre no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-III, e tem como objetivo a produção de quadros caracterizados por uma neutralidade axiológica. Com essas mudanças, almeja-se “ultrapassar as clivagens ideológicas através da ciência, colocar entre parênteses a questão etiológica para se concentrar em descrições clínicas, reformar o vocabulário

diagnóstico evitando ao máximo as inferências” (Demazeux, 2013, p. 156, citado por Safatle, 2021, p. 30). Safatle (2021) argumenta que essa mudança nos leva a uma forma diferente de descrever o sofrimento psíquico. Excluir a compreensão do sofrimento psíquico como uma expressão de uma contradição social vivida pelo sujeito, individualiza o sofrimento e nos leva a compreendê-lo como uma contradição do indivíduo, com sua obrigação de produção, que deve ser imposta pelo próprio sujeito.

A liberdade, elemento fundamental do neoliberalismo, gera uma nova coerção, a dinâmica de senhor e escravo é exercida por si e para si, sendo o mesmo indivíduo seu próprio senhor e seu próprio escravo (Han, 2015). O esgotamento se dá por estarmos em nossa própria companhia e vigiar, constantemente, nossa própria produção. Nesse sentido, somos vítimas de nossas próprias agressões compulsivas e doentias (Han, 2015).

(ii) Sobre o Ambiente Virtual e Relações com a Angústia e o Desamparo

Youtuber, streamer e instagrammer são profissões que já estão inseridas no imaginário social como profissões almejadas pelos indivíduos. Há empreendimentos como cursos para se tornar um *youtuber* para crianças, que estão prestes a entrar na adolescência (Fuentes, 2018). Segundo Dunker (2020), ao citar o poeta francês Paul Valéry, o *youtuber*, o *streamer* e os influenciadores digitais se inserem numa série de profissões chamadas profissões delirantes.

Adicionalmente, assistimos a emergência de uma nova elite social, que não emana nem de pré-requisitos financeiros, nem de disposições culturalmente muito elevadas. São os youtubers, influencers, sub-celebridades, Kardashians e outras novas profissões delirantes, que devem sua força e poder apenas e tão somente a alguma característica algo indefinível, difícil de reproduzir artificialmente como um padrão de consumo, um estilo de uso da linguagem,

uma enunciação opinativa e até mesmo uma forma singular de se apresentar como atrapalhado, tosco ou inadequado em público (Dunker 2020, para.6)

As profissões delirantes têm em comum “dependerem totalmente do que os outros acham de nós” (Dunker, 2020, para.1). O investimento libidinal e monetário dos espectadores, nessas profissões, é condicionado a uma expectativa de congruência subjetiva de valores, moral e conduta (Baldiserra et al, 2021).

A massa de espectadores estabelece o pai por meio desse investimento, e, quando esse pai não satisfaz mais e se demonstra incongruente com a expectativa que o espectador tem, em relação a suas condutas, o espectador mata o pai elegido. Assim, satisfaz seu gozo narcísico digital, no alto de sua própria moralidade santificada (Baldiserra et al, 2021).

Um exemplo recente de cancelamento é o da Karol Conká¹, em sua participação no *reality show* Big Brother Brasil, de 2021. A artista entrou no programa enquanto uma mulher negra que havia obtido sucesso com suas músicas, entretanto, se demonstrou muito contrária à expectativa do público. Na eliminação da artista, foram computados mais de 200 milhões de votos, Karol Conká foi eliminada do programa com 99,17% dos votos (Globo, 2021). Não sendo suficiente a eliminação do programa, os espectadores e fãs passaram a “cancelar” Karol em outras redes sociais.

Com qual objetivo se dá o cancelamento? O que se quer obter? “Cancelar é um verbo usado para a suspensão de um serviço, curso ou dispositivo. Isso sugere que estamos diante não só da supressão da fala do outro, mas da redução dele a uma coisa ou objeto” (Dunker, 2020, para. 2). O sujeito cancelante busca, por meio da objetificação do cancelado, a

¹ Karol Conká é uma rapper, cantora e compositora brasileira, além de atriz, produtora, modelo e apresentadora. Em 2013 lançou seu primeiro álbum "Batuk Freak". Informações retiradas do canal de youtube da artista, consultado em 19/12/2021, disponível em <https://www.youtube.com/user/karolconka/about>.

desidentificação com ele, mas não total. A desidentificação total não se dá pela via do ódio, e sim, pela via da indiferença (Dunker, 2020).

Como podemos compreender o cancelamento, enquanto um fenômeno de grupo, a partir da ótica psicanalítica? Freud (1923) ao citar Le Bon em *Psicologia das Massas e análise do Eu*, descreve que uma série de indivíduos, com suas devidas particularidades, podem se associar por meio da identificação com um objeto, entidade e/ou símbolo comum. Seja a identificação, pela via do amor (fanatismo) ou pelo ódio (cancelamento), essa identificação coletiva, pelo afeto, gera uma homogeneização da massa. A “alma coletiva” (Freud 1923/2011, p. 12), agora composta por uma massa de indivíduos, atua como um único indivíduo anônimo, e cujo anonimato permite ao indivíduo realizar atos dos mais diversos tipos.

Ao associar a psicanálise com o fenômeno do cancelamento, busco associar o medo do cancelamento a uma reedição do medo da castração. Nasio (2007, citado por França, 2011, p. 11), descreve o medo da castração como “é um perigo imaginário é uma suposição de que pode ocorrer a perda de um objeto supremo, que geralmente para o homem é o medo de perder a potência e para a mulher é o medo de perder o amor”. Devemos localizar o que pode ser compreendido enquanto símbolo de potência e amor para o *streamer*.

O capital social que tais influenciadores conseguem acumular como agregadores de conteúdo, hubs de informação ou simplesmente enxames de cliques, curtidas e views é feito materialmente do reconhecimento de seu público (Dunker 2020, para.7).

Compreendemos que o cancelamento é o aniquilamento do reconhecimento, a anulação da potência do criador de conteúdo. Potência, desde o sentido materialista do capital como poder aquisitivo, quanto relevância e projeção de sua imagem dentro das redes. Como

descrito na primeira seção deste capítulo, o neoliberalismo é um modelo de organização social que promove adoecimento psíquico na população. Para compreender melhor os impactos da sociedade contemporânea nos indivíduos, entendo como um dos elementos centrais, a noção de desamparo para a psicanálise.

Freud descreve o desamparo como uma condição fundamental humana, que está associada ao estado de vulnerabilidade vivenciado pelo indivíduo após o nascimento. Esse desamparo, inerente à condição humana, é compreendido como desamparo primário. O desamparo primário pode ser reatualizado e vivido como um desamparo secundário, na medida em que, o sujeito se percebe diante de condições que o remetem ao desamparo primordial, em momentos posteriores de sua vida (Costa, 2005).

Essa experiência do desamparo secundário se torna uma marca na sociedade contemporânea. A reatualização da condição de desamparo está associada a um enfraquecimento da lei que rege e garante a segurança das relações sociais. Para compreender melhor o papel da lei nesse contexto, é importante salientar que a lei da qual tratamos não se trata apenas da lei formal, tratamos, portanto, da lei simbólica.

Compreende-se por lei simbólica, aquela lei que é instaurada pela função paterna na realização do Complexo de Édipo. Para compreender melhor o que função paterna tem a ver com a lei, nos remetemos à noção psicanalítica de pai. Freud ilustra, em seu livro *Totem e Tabu* (1913), a importância do pai, que se revela na responsabilidade pelo rompimento da fase simbiótica entre o bebê e a mãe. Dessa forma, possibilita que o bebê se torne um sujeito desejante, permeado por linguagem, composto por sua própria individualidade e, assim,

direciona os desejos para o mundo externo, além mãe-bebê, se inserindo na sociedade e se tornando sujeito (Maranhão, 2005).

Falando em termos mais teóricos, a importância do papel do pai é evidenciada na dinâmica do Complexo de Édipo. Essa fase do desenvolvimento psíquico ocorre durante a fase fálica. Exemplificando o funcionamento do Complexo de Édipo, o menino tem como seu objeto de desejo sua mãe e o pai se torna seu concorrente, que impede ao menino a possibilidade de satisfação de seu desejo.

Dessa forma, o menino busca o pai como espelho para moldar seu próprio comportamento, para “ter” a mãe. Nesse processo, a criança internaliza regras e convenções sociais que estão, para ele, representadas e impostas pela figura de autoridade encarnada pelo pai. Após essa dinâmica de espelho estabelecida, a criança entra em novo estágio, onde ela, por medo da perda do sentimento afetivo do pai, renuncia à satisfação dos desejos relativos à mãe e agora tem condições de desejar o mundo, para além de suas figuras paternas. Essa fase de investimento da criança para o mundo externo, é permitida pela internalização das regras sociais, resultado da identificação com o pai e, assim, o sujeito se torna social por se direcionar para o mundo (Bock & Furtado & Teixeira, 2001). Como dito por Costa (2005, p.29), “A função do pai se apresenta como estruturante, porque insere o sujeito no mundo da renúncia, da castração, dos limites”.

Agora que compreendemos a importância do pai na teoria psicanalítica, por sua função de estabelecimento da lei simbólica, é importante explicar de que forma essa lei se encontra enfraquecida e por qual motivo isso se relaciona ao desamparo.

Muito se fala na falência da figura paterna na contemporaneidade devido a movimentos sociais (Costa, 2005). A figura do homem autoritário e chefe de família vem se tornando cada vez menos sólida e unânime. Homens procuram novas formas de existir no mundo e, em algumas leituras, podemos compreender que a falência da figura paterna está se desenhando de forma cada vez mais clara, mas há um pequeno equívoco na compreensão da falência da figura paterna.

Supondo que a falência da figura paterna seja devida às novas formas de organização social, compreende-se que apenas homens autoritários poderiam desempenhar a função paterna. Mas Joel Dor (1991) nos mostra que essa compreensão parte do princípio que a falência da figura paterna se deve às problematizações recentes da representação clássica da figura masculina como homem provedor e autoritário. Esta compreensão a respeito da falência da figura paterna devido à problematização da figura masculina na contemporaneidade não é compartilhada pela psicanálise tendo em vista que para realizar a função paterna não se exige um homem. Pouco importa a forma biológica de quem virá a ocupar o papel/função do pai, o que importa é justamente o cumprimento dessa função simbólica e postula uma frase que sumariza isto: “Não é preciso que haja necessariamente um homem para que haja um pai” (Dor, 1991, p.42).

Logo, concordamos que há uma disrupção na execução da função paterna, mas não com seu anulamento. Tendo em vista que a função paterna encontra seu sucesso ao oferecer ao bebê o mundo simbólico por meio do estabelecimento de limites, quais são os impactos de uma sociedade que, na contemporaneidade, tem dificuldade de exercer a função paterna? Além dessa pergunta, a que se deve a dificuldade da imposição de limites?

O novo imperativo do gozo, característico da sociedade neoliberal, dificulta o encontro do sujeito com a falta, na medida em que, ao estar inserido numa sociedade capitalista, ao sujeito são oferecidos infinitos objetos e ideias que têm como propósito tamponar a falta. Seja pelo excesso de consumo ou produção, o lugar essencial que a falta tem na experiência e na sustentação do desamparo se encontra fragilizado (Costa, 2005).

Costa (2005) descreve de que forma o imperativo do gozo impacta o estabelecimento da lei simbólica.

Antes, havia um forte controle por meio do superego e da lei simbólica, de maneira que a satisfação deveria ser constantemente adiada, e a lei exercia seu poder, coibindo a expressão de desejos e fantasias; atualmente, a satisfação deve ser imediata e obtida a qualquer custo, promove-se a ilusão de que tudo é possível. Diante da satisfação imediata e desenfreada dos desejos, a lei simbólica parece estar perdendo força e potencial, ou seja, parece enfraquecida. (Costa, 2005, p. 14).

Certamente, parece ilógico pensar como uma sociedade menos repressiva poderia causar uma experiência de desamparo no sujeito. Uma lei forte não é aquela que reprime e condena, é aquela ao qual o máximo de indivíduos se submetem de forma igualitária - submissão generalizada que não ocorre na contemporaneidade (Costa, 2005).

A não submissão generalizada a uma lei simbólica gera fragilidade na lei e, como consequência da fragilização da lei, cresce a sensação de abandono e desamparo no sujeito. A autora traz exemplos do estado de desamparo generalizado vivido na contemporaneidade, listando alguns dos inestimáveis episódios de violência e de transgressão da lei simbólica. A violência e as transgressões são, ao mesmo tempo, uma denúncia e um efeito da lei simbólica fragilizada.

Com o fracasso do estabelecimento da lei simbólica a partir da função paterna, outras instâncias sociais ocupam o local antes ocupado pelo pai. Ou seja, a fragilidade da lei do pai estabelece a necessidade de criar referências simbólicas. Nas palavras da autora

Se já não há pai forte, no sentido social do termo, ou seja, se sua figura tem perdido força na atualidade, outras metáforas podem inscrever-se para tentar dar conta dessa fragilidade (Costa, 2005, p. 23).

Apesar de relatarmos a importância de se eleger novas referências simbólicas, aquelas referências que se demonstram uma possibilidade (como a igreja e o Estado), sempre se apresentam frágeis e incapazes de amparar o sujeito, inscrevendo ainda mais o desamparo na sociedade contemporânea.

Referenciando um estudo que busca investigar o desamparo na sociedade contemporânea, a autora diz

evidencia-se uma lei simbólica que, por se abster de suas funções, fragiliza-se, por conseguinte, desampara e angustia os sujeitos. Esse desamparo decorre da falta de condições apropriadas para se viver, do desemprego, da pobreza, do descaso dos governantes diante do quadro atual da sociedade brasileira, da falta do porto seguro da família e das autoridades etc. (Costa, 2005, p.26)

Para além das condições psicossociais precárias, a lei se demonstra fragilizada para com aqueles que pretende proteger, ao não fornecer mecanismos de compensação aos que se submetem à lei. Ou seja, além de proibir, a lei também deve prover algo de positivo: o pacto social, a convivência harmoniosa da sociedade e, portanto, o amparo. Como dito nas palavras da autora

A condição de se submeter à lei para obter vantagens mostra que ela também veicula o amparo necessário à

vida em comum, característica, por si mesma, reveladora da relação entre lei e amparo (Costa, 2005, p. 35).

Ao falhar em oferecer mecanismos compensatórios, os sujeitos são seduzidos pela ideologia capitalista de que nada lhes pode faltar. A falta deve ser aniquilada, independente do objeto que eu necessite consumir para que a falta se anule.

Em nome do seu desejo e incentivado por uma sociedade cada vez mais individualista (...) ele pode fazer tudo: usar todas as armas, passar por cima do outro, cometer transgressões, afinal, não vai ser punido, porque se trata da “nova lei” (Costa, 2005, p.36)

Essa “nova lei” é a lei do imperativo do gozo que se demonstra demasiadamente permissiva, fragilizada, já não mais consegue aplicar limite aos impulsos agressivos e sexuais da sociedade. A cultura, que deveria se esforçar para restringir e controlar as pulsões que ameaçam a sociedade, agora incentiva e comanda a transgressão e a realização pessoal.

A instauração da sociedade, desde sempre, pressupõe a renúncia às pulsões que supostamente levariam à realização plena do sujeito, de forma que, a segurança adquirida ao abrir mão dessas pulsões dê possibilidade ao sujeito de lidar com o desamparo humano. Nas palavras da autora: a interdição é também necessária para garantir a segurança, o amparo (Costa, 2005, p. 43). Ainda referenciando a mesma autora, ao citar Padilha (2001, p.38) “a vida em sociedade, pautada na lei e na justiça que cuida para a não violação daquela, exige a renúncia da satisfação pulsional, protegendo as pessoas de ficarem expostas à força bruta”.

O imperativo do gozo da sociedade neoliberal vai diretamente contra o

estabelecimento de laços e formas de convivência social, ao passo que, ao se submeterem à lei do gozo, prejudica-se o laço social. Na primazia da liberdade individual e do gozo narcísico, vive-se um contexto que, na lei do gozo, remete ao estado de desamparo primordial, causando uma vivência de um desamparo secundário. Ao compreendermos que o desamparo está ligado ao afeto da angústia, explicaremos na seção seguinte uma das estratégias de defesa do sujeito frente à angústia, a fantasia.

(iii) A Fantasia Como Defesa Frente à Angústia

A angústia é um afeto que foi objeto de diversas formulações ao longo da história da teoria psicanalítica. Freud, inicialmente, pontua a angústia enquanto resultado de uma acumulação de excitação sexual que não encontra nenhuma descarga. Posteriormente, a define enquanto resultado de um processo de recalçamento. Finalmente, em seu texto “Inibição, Sintoma e Angústia”, inverte sua concepção sobre a angústia. A angústia torna-se, na verdade, a causa do recalçamento. Como dito por Chediak (2007), ao citar (Freud, 1986[1933], p.118)

(...) o que é temido, o que é o objeto da angústia, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio do prazer” (Ibid, 2007, p.16).

O afeto da angústia remete a um trauma originário, a um estado de desamparo vivido nos primeiros estágios de vida. O estado de desamparo é caracterizado pela incapacidade do sujeito de responder ao excesso de estímulos externos que o invadem. Nesse momento, há o aparecimento da angústia como sinal para os perigos externos que invadem o sujeito. Lacan compreende que esse excesso que invade o sujeito é justamente o desejo do Outro (Ibid, 2007).

Na perspectiva de Lacan, o que constitui o elemento traumatizante é a castração do Outro, a percepção de que o outro é barrado. O problema de perceber o outro enquanto castrado/barrado é ser remetido à sua própria castração (Ibid, 2007). Para escapar à angústia, o sujeito tem como recurso (dentre outros) o sintoma e a fobia, como dito por Chediak (2007, p.27): “o que se quer com um sintoma ou com uma fobia é encobrir, interditar a angústia que no eu tem sua morada”. Dessa forma, quando existe a possibilidade da perda do amor, quando há o encontro do sujeito com a reatualização do trauma, há o aparecimento da angústia. Por meio de formações como a fantasia, o sujeito busca permanecer fora do alvo da angústia, tentando tamponar ou amenizar a dor de sua existência (Ibid, 2007).

Para ilustrar o papel da fantasia frente à angústia, Chediak (2007) traz a fala de Collete Soler

A felicidade do encontro é boa desde que o sujeito esteja armado de uma fantasia que sature o vazio. Ela sempre lhe garante o encontro que espera: o mesmo mais-de-gozar, o mesmo modo de satisfação-insatisfação. Ao filtrar as contingências dos encontros de acordo com sua conveniência, a fantasia o protege dos maus encontros... do trauma pelo real. Às vezes, é claro, essa segurança é um peso para o sujeito, mas ainda assim é uma garantia contra o real (Collete Soler, citada por Chediak, 2007, p. 75).

Ao tratar da fantasia na clínica, Jacques-Allain Miller (1984/1994) diz que o sujeito que procura o processo analítico não se lamenta de sua fantasia, e sim, de seu sintoma. O autor diz que, desde a primeira formulação Freudiana, a fantasia já se apresenta como uma construção que é capaz de proporcionar prazer ao sujeito, contrastando com o desprazer gerado pelo sintoma. Uma forma de compreender a função da fantasia é analisar o jogo do *fort-da*. Frente à angústia causada pela ausência da mãe, a brincadeira se torna uma

“maquinação para obter prazer” e “a fantasia é uma máquina que se põe em ação quando se manifesta o desejo do Outro” (Miller, 1984/1994, p.103).

Segundo Lustoza (2006), o desejo do Outro é o que abre portas para a angústia. O sujeito cria uma fantasia a respeito do desejo do Outro, de forma que ele não o reconheça como faltante, a fim de “evitar o angustiante encontro com o desejo do Outro para além da fantasia” (Lustoza, 2006, p.61). Quando essa relação entre o sujeito e o Outro se torna caótica e imprevisível, o sujeito fica exposto a uma demanda incessante do Outro. Na medida em que não tem controle nenhum sobre esta relação, passa a se perguntar, *o que o Outro quer?* Não havendo mais uma linguagem comum aos dois, “o sujeito passa a ficar entregue sem a mediação a seu insondável querer” (Lustoza, 2006, p. 59).

A angústia revela a não autonomia do sujeito e, portanto, flagra a posição objetual ocupada por ele, sem recurso e sem representação. Na angústia, a suposição sobre o que o Outro quer se desmancha pela falta apresentada por ele. Ser sujeito não se trata da autonomia, e sim, da possibilidade de se responsabilizar pela interpretação do Outro. A posição de objeto é incompatível com qualquer tipo de interpretação a respeito do desejo do Outro, causando uma “destituição subjetiva” e assim “Sob a pressão dessa exigência incondicional proveniente do Outro, o sujeito é transladado para a posição de objeto”. (Lustoza, 2006, p. 63).

Penso que as considerações apresentadas podem nos ser úteis, nesse trabalho, ao pensar o sujeito criador de conteúdo frente a seus espectadores, *chat*, comunidade. O que essa comunidade espera e procura? O que leva essas pessoas a investirem neste *streamer* e não em

outro? Neste trabalho, pretendemos pensar essas questões relativas às construções subjetivas dos próprios *streamers* relativo a que o outro espera dele, criador de conteúdo.

MÉTODO

Sobre a Análise de Discurso e a Pesquisa em Psicanálise

Esta pesquisa será realizada com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. A Psicanálise tem sua origem numa teoria idealizada a partir da prática. Em 1886, Freud começa a sua prática clínica e elabora a teoria analítica em uma dinâmica de retroalimentação entre prática e teoria. Pretendemos explorar o fenômeno do *streaming* a partir da pesquisa em psicanálise, onde pesquisa, clínica e construção teórica andam juntos no estabelecimento do conhecimento psicanalítico. A psicanálise é um “conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto” (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 1). A psicanálise não poderia ser outra coisa que não uma teoria em constante revisão, tendo em vista que, seu objeto de estudo, o sujeito, está inserido em uma realidade fluida e com particularidades de cada momento histórico.

Torna-se importante a exploração de algumas ideias, para que seja compreendido a partir de qual fundamentação se lança este estudo. Será trabalhada a (i) Análise de Discurso e (ii) a pesquisa em psicanálise.

(i) Análise de Discurso

Discurso, neste estudo, é pensado para além da gramática e do significado. O discurso é pensado a partir da apropriação e da constituição do sujeito falante, no código linguístico em que ele se insere. Essa metodologia pode compreender melhor aquilo que torna o sujeito um ser simbólico, com a capacidade de significação e identificação. O discurso é o elemento

mediador entre o sujeito e a realidade concreta e, sendo assim, o discurso é o elemento capaz de transformar a realidade compartilhada e subjetivada pelos sujeitos (Orlandi, 2005).

A Análise de Discurso, referida neste estudo, surge na década de 60, com Michel Pêcheux, como uma forma de compreender o discurso em uma dimensão histórica e relacional. Diferenciando-se da Linguística, tendo em vista que esta dissocia as palavras, de sua historicidade e também se diferenciando da transparência da linguagem que é uma das características das ciências sociais (Orlandi, 2012).

A Análise de Discurso investiga como a linguagem está intrincada na ideologia e como a ideologia influencia a língua e assim “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os indivíduos” (Orlandi, 2012 p.17). Para deixar claro: a ideologia se expressa pelo discurso e este, por sua vez, se expressa na linguagem. Com a Análise de Discurso se torna possível o entendimento de como relações de poder são subjetivadas, consciente ou inconscientemente (Orlandi, 2005).

Para pensar a ideologia, Michel Pêcheux trabalha a noção de “memória discursiva”, que pode ser concebida como “o já-dito que torna possível todo o dizer” (Orlandi, 2005, p. 11). Dessa noção, podemos compreender que as pessoas são atravessadas por um saber discursivo que não é aprendido conscientemente, mas que tem seus “ensinamentos” advindos da ideologia e do inconsciente. Logo, podemos dizer que o fenômeno discursivo está ligado às condições externas que o produzem, então, para o analisar o discurso é necessário a interpretação e implicação em três níveis de análise: sujeito, língua e história (Orlandi, 2005).

As palavras “inconsciente” e “sujeito” demonstram as proximidades e os possíveis pontos de contato entre a Análise de Discurso e a Psicanálise. O sujeito, enquanto é atravessado pela sua apropriação da linguagem, é descentralizado da equação linguística e demonstra as facetas inconscientes da linguagem e do discurso que o compõem (Orlandi, 2005). Quais posições inconscientes esse sujeito ocupa no seu próprio discurso? Quais relações de poder atravessam o seu discurso? O que busca o sujeito que pensa ser o agente do discurso? Como dizem Dunker, Paulon & Milán-Ramos (2016) a respeito do sujeito e do discurso:

Para Lacan, o sujeito é um efeito do discurso, e não o seu autor e agente, porque esse lugar da enunciação, segundo a hipótese do inconsciente, é parcialmente insabido para o próprio falante. Em outras palavras, o eu acredita-se senhor, diretor e autor de sua fala, mas é mais seguramente um personagem que está alienado de sua própria condição de personagem (Dunker, Paulon & Milán-Ramos, 2016, p.125).

A partir dessas ideias, compreendemos que a Análise de Discurso é uma tática de leitura privilegiada na pesquisa psicanalítica, por suas relações indissociáveis com a história e a memória.

(ii) Da Análise de Discurso à Pesquisa Psicanalítica

Igualmente à teoria/prática psicanalítica, a pesquisa nessa área também é subversiva. Quando Freud elabora a hipótese do inconsciente, já sabia que seria refutado pela comunidade científica, afinal, as ciências naturais trabalham com evidências, observação,

validação, confirmação e refutação. Como dito pelo próprio Freud, em uma entrevista à BBC em 1938, e citada por Cordeiro (2010)

Comecei minha vida profissional como neurologista, tentando aliviar os meus pacientes neuróticos. Eu descobri alguns fatos novos e importantes sobre o inconsciente. Dessas descobertas, nasceu uma nova ciência: a psicanálise. Eu tive de pagar caro por esse pedacinho de sorte. A resistência foi forte e implacável. Finalmente, eu consegui. Mas a luta ainda não terminou. Meu nome é Sigmund Freud (Cordeiro, 2010, p.2).

A psicanálise é singular em sua forma de produzir conhecimento. Há uma ideia difundida no senso comum, de que a pesquisa científica deve ter como seus produtores indivíduos neutros e isentos de qualquer parcialidade. Já a psicanálise, enxerga o autor da pesquisa como o principal objeto da pesquisa analítica e nega a neutralidade em relação ao pesquisador. O pesquisador assume papel fundamental na realização da investigação psicanalítica de fenômenos. Como explicitado por Iribarry (2003)

Dizer que o pesquisador psicanalítico é o primeiro sujeito de sua pesquisa significa dizer que ele está também implicado como um participante importantíssimo na investigação realizada. É claro que isso não dispensa os demais participantes da pesquisa, mas admitir que não há uma implicação do pesquisador como sujeito seria absurdo, já que é pelo punho do pesquisador que uma contribuição conceitual vai se organizar durante o processo de pesquisa (Iribarry, 2003, p. 122).

Nessa modalidade de investigação, não se procura elaborar hipóteses iniciais para depois explorar o fenômeno, afirmando ou refutando as hipóteses elaboradas previamente. O

que se busca é a *Erfahrung* (experiência em alemão), que não é a experiência laboratorial, muito menos a percepção subjetiva (experiência) do pesquisador. Trata-se da aprendizagem e abertura para a reformulação e problematização de sua própria teoria. “O pesquisador psicanalítico está engajado em um processo de descoberta, de revelação ou mesmo de renovação de seu campo” (Iribarry, 2003, p. 123). Corroborado por Rosa (2004)

O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta (Rosa, 2004, p. 341).

Outra característica desse modo de pesquisa é seu caráter social. O mito fundamental da psicanálise freudiana é o do Complexo de Édipo. Este mito já denuncia o caráter indissociável da constituição do sujeito a partir do outro, ou seja, a psicanálise é, necessariamente, social. Não se trata de uma teoria solipsista que busca investigar única e exclusivamente a percepção do sujeito, sem fazer uma articulação teórica a respeito da subjetividade e sua relação com a sociedade.

Althusser, apud Rosa (2004), avalia que é papel da psicanálise realizar a articulação e problematização da relação sujeito-sociedade. Alinhado com o que foi elaborado na seção anterior, a respeito da relação entre ideologia, linguagem, discurso e sujeito, cabe à psicanálise refletir sobre as mudanças nesses aparatos sociais. Uma vez que, produzem e afetam o sujeito, sendo assim, busca-se evidenciar os pontos de tensão, identificação e subjetivação.

O discurso, um discurso sem palavras mas não sem linguagem, dá conta das relações intersubjetivas. Essas relações constituem-se a partir da circulação de certos

elementos que, ao transitarem por diferentes lugares, produzem laços sociais específicos e promovem diferentes efeitos ou sintomas (Rosa, 2004, p. 338).

Eventualmente, a psicanálise é questionada sobre suas formas de produção teórica e de pesquisa. Algumas das questões postas, são dirigidas ao fato de que muitas pesquisas psicanalíticas são produzidas fora do *setting* analítico e da incapacidade de produção da associação-livre, principal ferramenta do método psicanalítico, fora do contexto terapêutico. Os questionamentos, apesar de válidos, desconsideram que as expressões do inconsciente não estão restritas às quatro paredes do consultório. O inconsciente se expressa pelas mais diversas produções humanas, das mais elaboradas às mais banais. Posto isso, detalho a seguir os procedimentos de coleta e análise de dados.

Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética do Centro Universitário de Brasília. Após aprovação, realizou-se o recrutamento dos participantes por meio de mensagens diretas nas redes sociais. Participaram desta pesquisa 03 (três) pessoas, entre 25 e 29 anos, que realizam *streams* de modo regular, com o objetivo de ganhos financeiros.

Após aceitação dos participantes, foi entregue e solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (Anexo 1). Em seguida, foi agendado um encontro via *Google Meet*. À ocasião do encontro, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (Anexo 2). As entrevistas foram estimadas, cada uma, em 45 minutos, mas as três foram realizadas em um tempo médio de 1 hora e 30 minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A

identidade do sujeito foi preservada, tendo todos os nomes citados na entrevista e o próprio nome do entrevistado trocados por nomes fictícios;

Procedimento de Análise dos Dados

Para a análise do material, serão adotados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localizar pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes; (v) identificar elementos de expressão não-verbal.

Capítulo 2 - Análise do Material

Neste capítulo, vamos analisar as falas dos participantes à luz dos conceitos explorados no capítulo 1. Começaremos analisando as falas relativas à: (i) O Ambiente Virtual e Relações com a Angústia e a Lógica do Condomínio; (ii) Fantasia como Defesa Frente a Angústia e o Desamparo. Ao final deste capítulo, serão apresentadas reflexões a respeito da inserção do fenômeno do *streaming* em uma sociedade neoliberal e demais relações com estudos apontados em momentos anteriores deste trabalho.

Antes de prosseguir para o material a ser analisado é importante caracterizar os participantes dessa pesquisa. Jonas é um homem de 29 anos que está *streamando* há 5 meses e tem 1,9 mil seguidores. Marcos tem 29 anos e está *streamando* há 1 ano e possui 10 mil seguidores na twitch. E Ana é uma mulher de 25 anos que está *streamando* há 4 meses e

possui 1,4 mil seguidores. Foram realizadas três entrevistas, uma com cada participante (Jonas, Marcos e Ana)

(i) O Ambiente Virtual e suas Relações com a Angústia e a Lógica do Condomínio

A partir do que foi discutido no capítulo 1 compreendemos que o contexto neoliberal reedita e atualiza uma angústia frente a um possível trauma de infância, a castração.

Inicialmente, iremos explorar algumas falas dos entrevistados que nos remetem à angústia e estabelecer a relação do ambiente virtual e a lógica do cancelamento.

Algumas falas dos entrevistados nos remetem a essa angústia relativa ao medo da castração.

É interessante perceber o caráter iminente do cancelamento a partir do ponto de vista dos entrevistados. Ao serem perguntados sobre suas experiências e opiniões a respeito do cancelamento, os entrevistados trazem:

Ainda não, espero não ser, mas tá todo mundo, todo mundo... digamos... *apto* a isso, né, a partir do momento que você tá botando a cara pra falar alguma coisa, seja no seu *twitter* de 20 seguidores você já está *apto* a ser cancelado (Marcos)

Eu tenho noção que isso pode acontecer, eu tenho noção de que alguém pode me tirar de contexto, eu tenho noção que alguém pode inventar algo sobre mim (...) se eu for cancelado eu vou falar tipo “galera, desculpa, eu vou tentar aprender com isso e beleza”, ou se eu vou ficar extremamente mal, eu não sei, eu de fato não sei. *Quando eu for, eu te falo* (...) (Jonas)

Nas falas apresentadas, as expressões, *ainda não* e *Quando eu for, eu te falo*, denotam um elemento de expectativa, de um perigo que está por vir e é inevitável. Este perigo é o do

cancelamento, que representa a perda da possibilidade do sujeito de ser um produtor de conteúdo, na medida em que, ao se enquadrar numa profissão delirante (Dunker, 2020), todo o valor atribuído ao conteúdo produzido pelos criadores depende do engajamento do outro.

Ana vive essa angústia em relação à exposição no mundo virtual. Perguntei à *streamer* sobre o que causa sofrimento em ser um *streamer*. Um elemento é destacado: a exposição.

A exposição assim, ela é positiva, né, porque eu gosto de me expor mesmo, mas ao mesmo tempo ela é perigosa (...) Porque talvez pode gerar algum negócio assim... que pode gerar um gatilho, que pode gerar uma crise (Ana).

Após ser perguntada se isso já ocorreu com ela, Ana diz

Não, mas eu tenho medo, *vai que acontece*, eu acho que não vai acontecer não, mas *vai que acontece né...* (Ana).

Abaixo apresento uma fala que demonstra uma das possíveis relações da cultura do cancelamento com a angústia.

eu entro no tuíte de um famoso e vejo os comentários, tipo caralho, porque você tá humilhando esse maluco, porque você tá falando isso? (...) *sempre vai ter uma horda ali de pessoas tentando te fazer algum mal e o motivo é... ninguém sabe*, tá ligado? (Jonas)

Vemos, na fala de Jonas, uma inquietação. “Por que você tá falando isso? sempre vai ter uma horda ali de pessoas tentando te fazer algum mal e o motivo é... ninguém sabe”.

Afinal, qual é o motivo? Essa pergunta nos remete à questão: que queres tu? (Chediak, 2007).

Após a fala apresentada acima, há uma pausa no discurso de Jonas. Nessa pausa, compreendemos que há uma implicação da cultura do cancelamento, enquanto, um dos elementos que pode cooperar com essa motivação, aparentemente vazia, de fazer mal ao outro na internet.

(...) E talvez, a cultura do cancelamento faça um pouco parte disso, por mais que eu ache que o cancelamento é mais necessário do que desnecessário (Jonas).

No início da entrevista, Jonas estava confiante que o cancelamento era um elemento importante no ambiente virtual. Ao longo da entrevista, foi possível perceber que houve uma reflexão diante da questão do cancelamento. Nos permitindo inferir que há uma implicação do papel da cultura do cancelamento na construção de um ambiente cínico e passivo-agressivo na internet. Para tentar compreender a origem desses afetos hostis, farei uma relação do ambiente virtual e da cultura do cancelamento com a lógica do condomínio. Compreendo que, ao gerar narrativas antagonistas de sofrimento, a lógica do condomínio deposita na alteridade, no outro, a fonte de seu sofrimento pessoal.

Em seu livro *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma: Uma Psicopatologia do Brasil Entre Muros*, Dunker (2015) descreve a lógica do condomínio como um sintoma social. Para compreender melhor o fenômeno, Dunker começa sua argumentação a partir de *slogans* presentes nos anúncios e propagandas dos novos condomínios que começaram a surgir no Brasil. *Slogans* como “Vila das Mercês. O direito de não ser incomodado (1980)” e “Verteville 4 - soluções reais para problemas atuais (1987)” demonstram uma faceta da lógica do condomínio, *soluções reais para problemas atuais e o direito de não ser incomodado* pressupõem que, dentro do condomínio, tudo funciona, tudo é devidamente planejado e a felicidade é garantida.

A partir do que diz Dunker (2015), podemos compreender que há um elemento necessário para a constituição do condomínio: a segregação. A divisão entre nós e eles, entre o eu e o outro. Como dito pelo autor “Uma região isolada do resto, onde se poderia livremente exercer a convivência e o sentido de comunidade entre iguais” (Dunker, 2015, p.47). Os condomínios erguem muros com o objetivo de excluir o outro e se protegerem, omitindo a diferença entre o que há dentro e o que há fora. A alteridade é o inimigo. Os que se encontram fora desse espaço estão excluídos e “os que vivem dentro estão demasiadamente implantados em seu espaço, seu lugar e sua posição” (Dunker, 2015, p. 53).

Apesar da lógica higienista por trás do estabelecimento de condomínios, há um resto de sofrimento que não se consegue dar conta, mesmo com as extensivas e rígidas regras de convivência, há algo que não se torna controlável por meio de regras e leis. A vida dentro do condomínio é retratada como “repleta de mau gosto, investida de artificialidade, superficialidade e esvaziamento” (Dunker, 2015, p.51).

O que se torna atraente na lógica do condomínio é a promessa do restabelecimento de uma ordem, de um ideal perdido. Por meio da gestão neurótica dos espaços e regras, se busca tamponar todas as formas de sofrimento com mais leis e regras. Esse traço da vida em condomínio, pode ser compreendido como uma compulsão legislativa (Dunker, 2017). Ao ser confrontado com *a vida como ela é*, cheia de imprevistos e marcada pela adversidade, deve-se o quanto antes criar uma lei ou regra para dar conta daquilo que não combina com o espaço sóbrio que é o condomínio (Dunker, 2015).

Dunker (2015) começa seu livro com uma analogia ao filme “*Alphaville*”, de Jean-Luc Goddard de 1965, que retrata uma sociedade distópica, caracterizada pela lógica do condomínio, como apresentada pelo autor ao longo do livro. Para além de sociedades,

pretendo pensar as redes e o ambiente virtual como outras formas de realidades distópicas e, portanto, considero adequado falar de um possível futuro distópico das redes.

Compreendo que, na sociedade virtual, temos diferentes formas de construir muros. O *block*, excluir, o banimento e o ato do cancelamento (entre outros) são expressões dos muros dos condomínios digitais. As bolhas são os condomínios enclausurados por esses “muros”, que são “uma estrutura simbólica de negação da diferença” (Dunker, 2017). Nos diferentes espaços das redes, as regras de convivência são mais ou menos explícitas. No *Twitter*, as regras de convivência não são claras, aquele que é bloqueado, excluído ou cancelado, por vezes não tem a compreensão clara de qual regra infringiu. Agora, na rede em questão neste trabalho, a *Twitch*, existem as “regras do chat”.

Recentemente, em abril de 2021, houve um *exposed* do chat de regras de Cellbit, um dos maiores *streamers* do Brasil. As “regras do chat” são as leis de convivência entre os membros de uma *stream*. São as leis e regras do condomínio daquela comunidade. O documento que lista as regras do chat de Cellbit é extenso e começa com um aviso.

Há muitas regras aqui mas *ainda assim não são todas, é impossível listar todas as coisas que possam gerar um timeout ou banimento*, então que fique claro que qualquer coisa que os MOD's ou o Cellbit considerem que está violando o bem-estar e convívio da comunidade, será aplicada a punição, mesmo que não esteja aqui no documento.

Há algo neste trecho que nos lembra o que já foi dito neste trabalho: quando confrontado com *a vida como ela é*, quando os elementos da alteridade se apresentam, deve-se, o quanto antes, criar uma lei ou regra para dar conta daquilo que não combina com o espaço “sóbrio” que é a comunidade.

A vida em condomínio é a tentativa de inscrever o mal-estar, gerando narrativas antagonistas de sofrimento. Antagonistas, porque situam no outro a origem do mal-estar. As narrativas são descritas como o esvaziamento de si, a perda da alma, entre outras formas de sofrimento (Dunker, 2017).

Dunker (2020) traça uma associação entre a cultura do cancelamento e a lógica do condomínio

Opiniões de gosto e declarações de preferência podem levar alguém a ser cancelado “por associação”, indicando que estamos em progressão para uma situação de condominização social da vida digital, com progressiva exclusão do que nos contraria e das diferenças que não conseguimos tramitar ou mediar psicologicamente (Dunker, 2020, para. 3).

Jonas nos demonstra exatamente o que descreve Dunker (2020):

Tipo, eu sinto que as pessoas não... *ninguém pode simplesmente não gostar de algo e ficar na sua*. Dá a sensação de que as pessoas estão sempre esperando pra magoar alguém, eu vejo muito isso sacou?

Jonas tem uma missão na comunidade. Ele se descreve como alguém que está tentando desintoxicar o ambiente virtual e, a partir do que fala, parece apresentar um critério para estabelecer diálogo com o outro e tentar ultrapassar as adversidades. Crianças, adolescentes ainda têm potencial de mudança, já os adultos não são convidados ao debate.

quando eu percebo que é uma criança, eu tento não dar ban, eu tento “po isso ai não é legal e tal, não repete”, sacou? Se eu vejo que é um marmanjo, que po, um cara velho já sabe o que é, sei lá, homofobia, tá ligado? Ai eu já dou ban logo e sacou? *Foda-se*, já dou ban logo” (Jonas)

É possível ver a abertura ao diálogo, mas em seguida há um recuo. Há uma resistência no que diz respeito a estabelecer esse diálogo com adultos, o que é contrastante com o que ele diz em seguida

eu tento deixar claro no meu discurso assim, tipo
 “galera, o unico objetivo dessa live é que a gente possa jogar em paz e que *todo mundo possa conversar numa boa tipo, todo mundo mesmo* (Jonas)

A ideia de que todos possam conversar numa boa, contrasta diretamente com o que foi dito. O que implica dizer que, o “todo mundo mesmo” a quem se refere Jonas, é quem está no mesmo condomínio que ele, na mesma bolha e com uma pequena tolerância para aqueles que têm até 14 anos (pré-adolescentes). E os adultos? Eles já deveriam saber o que é errado e, portanto, *se não estão do meu lado do muro, não têm direito a compartilhar os mesmos espaços que eu.*

Ana apresenta um discurso muito parecido com Jonas. Ela conta um caso, em que duas pessoas novas que chegaram à *stream* dela juntos, após um deles fazer uma piada capacitista, ela baniu os dois

eu dei *ban* nos dois porque eu sabia que eles estavam juntos e que eles estavam de gracinha, entendeu? (...) eu não deixo essas coisas assim. É uma *blindagem* ali que eu deixo.

A *streamer* diz que tudo que um indivíduo faz é político. Fazer ou falar algo é um ato político, ela ser mulher é um ato político, logo, que política está por trás dessa *blindagem*?

Uma política da exclusão da alteridade, daquele que não divide os mesmos princípios, ou que pelo menos, os desconhece.

eu mesma falo que tudo é política então como é que eu vou falar “não pode falar de política”? (no chat) Pode falar por que o ato de você fazer certa coisa, falar certa coisa é um ato político. Tipo, eu ser *streamer* mulher é um ato político. Feminista, etc.

Pergunto à Ana, qual a sensação gerada por dar *ban* em alguém. Descreve ser uma experiência triste, porque ela acredita que “esse tipo de gente não existe mais”. Quando ela é confrontada com a realidade de que, infelizmente, ainda existe “esse tipo de gente”, é preferível retornar à fantasia de que essa gente não existe e preservar a integridade de seu condomínio.

Dunker (2021), destaca a cultura do cancelamento como um elemento tipicamente brasileiro. Paulo Freire, brasileiro, autor de “A Pedagogia do Oprimido”, é conhecido por sua compreensão a respeito da população oprimida e a educação. Freire, descreve que a educação que não for orientada para a libertação e emancipação dos indivíduos, tenderá a replicar os mecanismos de repressão sofridos, sendo assim, o oprimido tende a se tornar opressor. A partir dessa leitura de Paulo Freire, numa sociedade que, historicamente, “cancelou” diversos grupos sociais, como os negros, as mulheres e a população LGBTQIA+, não é de se espantar que o cancelamento tenha um aspecto tão forte no Brasil (Dunker, 2021).

A inversão do papel do cancelador e do cancelado podem ser evidenciadas por uma fala de Jonas.

Então não tem como negar que o cancelamento nasceu porque as pessoas são horríveis mano, entendeu? “Ah, mas o cancelamento virou ruim” *Ele virou algo ruim, mas ele só apareceu porque as pessoas são ruins*, veí (...) eu acho que o cancelamento tem essa pegada

assim, não to falando que é correto, mas eu acho que tem essa pegada assim do tipo “*pô, não aguentamo mais*” *sacou?* (Jonas)

A fala “*pô, não aguentamo mais*” nos faz questionar, nós quem, *não aguentamo mais?* Há uma resposta clara: o oprimido. As falas destacadas demonstram o aspecto da lógica do oprimido: o linchamento virtual é a forma pela qual, grupos historicamente cancelados no Brasil como os negros, as mulheres e a população LGBTQIA+, buscam cancelar aqueles que os cancelaram (Dunker, 2021).

Frente à ligação da cultura do cancelamento com a lógica do condomínio e a angústia de castração, como podemos compreender as estratégias de defesa empregadas pelos indivíduos a serem confrontados com as questões da castração e da segregação?

(ii) A Fantasia como Defesa Frente à Angústia e o Desamparo

A partir do que foi apresentado no Capítulo 1, vamos discutir falas que demonstram as fantasias que se produzem frente à angústia, provocada pela inserção no meio digital e pelo desamparo inerente à condição humana, que é reatualizado pelo neoliberalismo. Inicialmente, demonstraremos como o cancelamento é visto como uma tentativa de dar fim à condição de vulnerabilidade do sujeito no mundo virtual. A compreensão de que o cancelamento seria uma solução para os problemas da impunidade virtual, é uma fantasia, tendo em vista que a imposição de uma lei informal não tem a capacidade de proporcionar amparo e, portanto, não é capaz de nos tirar da condição de exposição no mundo virtual.

(...) tipo as coisas nem são crime mais tá ligado? Tipo a galera é abertamente racista e po, *isso não é crime, mano?* Tipo, as pessoas são abertamente racistas na

internet, sacou? Então tipo assim, eu acho que o cancelamento nasceu dessa ideia de tipo, mano, olha esse maluco aqui porra, sacou?

A fala “Isso não é crime, mano?” e a associação, em seguida, do cancelamento nascer da indignação frente à postura do outro, me remete à compreensão de que o cancelamento é uma forma de tentar fazer justiça, onde ela não se faz presente.

Cara, assim, é que essa parada do cancelado, foi uma coisa que começa com um *movimento legal* de querer conscientizar as pessoas de coisas erradas, de brigar por causas como o racismo, homofobia, etc (...)
(Marcos)

É interessante notar o possível duplo sentido da escolha de palavras do entrevistado. O termo “movimento legal” tem, pelo menos, duas interpretações. O “legal”, quando assume função de adjetivo, denota que é um movimento de conotação positiva. Por outro lado, a expressão “legal” pode nos remeter a uma compreensão de legalidade jurídica. A partir desta segunda noção, podemos compreender que o *movimento legal*, criado pelo cancelamento, é justamente criar uma lei para dar conta da exposição, desamparo e vulnerabilidade constante que se vive no ambiente digital, enquanto figura pública, que está expostas às vontades e crueldades do outro.

É importante pontuar, que ao mencionar “lei”, não tratamos da lei apenas enquanto código penal. Consideramos lei, o código que estabelece as regras do mundo simbólico, que é instaurada pela função paterna na realização do Complexo de Édipo (Costa, 2005). A falta da lei, advinda da função paterna, gera um ambiente virtual difícil renunciar às suas pulsões. O imperativo do gozo, característico da sociedade neoliberal contemporânea, lança os sujeitos numa realidade que prima pela realização pessoal a qualquer custo, independente da

transgressão da cultura e da lei simbólica. Seja pelo excesso de consumo ou de produção, o lugar essencial que a falta tem, ao tornar o encontro com o desamparo suportável, se encontra fragilizado devido à deterioração da lei simbólica. Nas palavras da autora

Antes, havia um forte controle por meio do superego e da lei simbólica, de maneira que a satisfação deveria ser constantemente adiada, e a lei exercia seu poder, coibindo a expressão de desejos e fantasias; atualmente, a satisfação deve ser imediata e obtida a qualquer custo, promove-se a ilusão de que tudo é possível. Diante da satisfação imediata e desenfreada dos desejos, a lei simbólica parece estar perdendo força e potencial, ou seja, parece enfraquecida. (Costa, 2005, p. 14).

A fragilização da lei simbólica deixa todos na internet vulneráveis, expostos. A respeito das falas que evidenciam essa vulnerabilidade no ambiente virtual:

o crescimento do ambiente *gamer* online onde todo mundo se fala, foi ficando meio *assustador*, sacou? Tipo, *muito assustador* na real e eu sempre achei isso meio *bizarro*. (Jonas)

É possível perceber, por meio do discurso do participante, que o ambiente da internet se torna um lugar *assustador*, *bizarro*. O caráter assustador e bizarro é justamente aquilo que aponta para o desamparo vivido na internet, a falta de lei.

o chat (do jogo) parecia uma grande alemanha nazista, tipo coisas absurdas tipo, caraca moleque, o que esse cara ta falando é crime, tá ligado? *Como assim, tem alguém cometendo um crime no meio de um jogo de fadinha, tá ligado?* (...) É tipo, bizarro assim, *o ambiente é totalmente insalubre*. (Jonas)

A fala apresentada, ilustra a condição de desamparo presente no ambiente virtual. O desamparo advém da precariedade presente nas mais diversas esferas da experiência humana, como a insegurança alimentar, volatilidade financeira, relações sociais caóticas, falta de

amparo legal e político para populações marginalizadas, entre outros diversos fatores que inscrevem o desamparo nas narrativas contemporâneas de sofrimento (Costa, 2005). A fim de fazer frente a esse desamparo, estabelecemos a cultura, civilização.

Através da cultura/civilização/laço social, procuramos fazer frente a esta condição de desamparo. Entretanto, o mal-estar da vida em sociedade é inevitável e nos defronta com inúmeras situações de vulnerabilidade em seu movimento permanente de conflito entre civilização e barbárie (Betts, 2014, p.10).

Confrontado com a sua vulnerabilidade, o sujeito clama por um outro que cesse a sua angústia ao ser confrontado com o desamparo (Betts, 2014). O outro que pode dar fim ao desamparo do sujeito virtual, toma a forma de lei (cancelamento) a partir da fantasia, se houvesse uma lei que punisse aqueles que fazem o mal na internet, a minha experiência no mundo virtual seria muito mais agradável. Fantasia análoga à lógica do condomínio, na medida em que, a narrativa do cancelamento, deposita no outro, na alteridade, o motivo pelo qual existe o mal-estar.

a *cultura* é herdeira do supereu parental, estabelecendo deveres morais e ideais do eu, bem como é herdeira da função paterna (Betts, 2014, p.11).

O termo “cultura”, utilizado por Betts (2014), nos recorda uma cultura já mencionada neste trabalho, a cultura do cancelamento. Essa cultura é herdeira do supereu parental, estabelecendo deveres morais e ideais do eu (Betts, 2014). A cultura do cancelamento, estabelece os deveres morais e ideias do eu relativos a opiniões, omissões (*passar pano*) e quase qualquer forma de posicionamento e exposição. Realizar qualquer ato, qualquer postagem, qualquer curtida ou qualquer *tweet* pode se tornar um motivo para ser cancelado. Até deixar de fazer uma postagem específica pode tornar o sujeito objeto de um ato de cancelamento, ao ser interpretado como *passar pano*, ou seja, deixar de se posicionar contra

algo por, supostamente, possuir algum tipo de afinidade com o “objeto” do cancelamento. A cantora brasileira, Anitta², se tornou alvo desse tipo de cancelamento ao não se posicionar contra a candidatura do atual presidente do Brasil, em 2018. A omissão do posicionamento contrário a Bolsonaro, por parte da cantora, a tornou objeto de cancelamento por ter sido considerada aliada do candidato de direita.

Abaixo trago uma fala de um dos *streamers*, que exemplifica a função que o cancelamento possui na cultura virtual.

Então não tem como negar que o cancelamento nasceu porque as pessoas são horríveis mano, entendeu? “Ah, mas o cancelamento virou ruim” Ele virou algo ruim, mas ele só apareceu porque as pessoas são ruins, vei. (Jonas)

A partir dessa fala compreendemos que o cancelamento é a expressão, por vias tortas, de uma tentativa de dar fim ao desamparo, supostamente causado pela impunidade. Essa tentativa sintomática, se dá por meio da fantasia da lei do cancelamento. Tentativa sintomática, pois, o cancelamento estabelece uma forma de gozar, mesmo na condição de desamparo.

Para ilustrar o estado de exposição do sujeito público na internet, abaixo apresento um *print* retirado do *Twitter* de João Luiz Pedrosa, que também participou do *reality show* Big Brother Brasil de 2021.

A imagem retrata uma mensagem recebida na caixa de mensagens de João, na rede social *Instagram*. A mensagem recebida diz “Vc é um loxoooo”. Ao não compreender a

² Anitta é o nome artístico de Larissa de Macedo Machado (1993), uma carioca nascida em Honório Gurgel, subúrbio situado na Zona Norte do Rio de Janeiro. A cantora, que deu os primeiros passos na carreira artística aos oito anos, é hoje um dos grandes nomes da música brasileira e as suas criações tem repercussão internacional. Informações retiradas de <https://www.ebiografia.com/anitta/>, consultado em 19/12/2021.

intenção daquele que enviou a mensagem, João se indaga: Luxo? Lixo? Loxo? A polissemia que contém a mensagem, deixa João exposto a todas as possibilidades. Ao mesmo tempo, pode estar sendo atacado e elogiado. Uma fala posta abaixo ilustra, nas palavras de Jonas, esse estado de exposição

hoje em dia você joga online com pessoas que você não sabe quem são e elas podem fazer tudo, elas podem ser machistas, homofóbicas, xenofóbicas e racistas (Jonas)

Quais tipos de efeitos podem ter no sujeito, a possibilidade de, a qualquer momento, sofrer um ataque racista ou homofóbico? A constante exposição a essa agressividade do outro, invade o sujeito com um excesso de afetos gerados pela insegurança advinda dos incontáveis perigos do mundo virtual. Costa (2005) relaciona essa insegurança constante, frente aos perigos do mundo, a uma angústia indeterminada, pois essa angústia “pode ligar-se a qualquer objeto; assim, o sujeito fica mais vulnerável ao perigo, porque ele pode esconder-se em toda parte e a angústia fica mais insuportável” (Costa, 2005, p.81).

Ana nos demonstra a necessidade de se sentir amparado, para encarar o ambiente digital.

Você passar a sua adolescência nessa exposição, por que a internet é uma exposição e eu não sei se eles estavam tipo... *assegurados*, assegurados eu digo, com uma rede de apoio, ou na terapia, ou com um advogado, entendeu? (...) E eu acho que a exposição é muito ruim assim, por que você estando exposto, você está perante a comentários positivos e extremamente negativos (Ana)

Na fala de Ana, poderíamos trocar a palavra “assegurados” por “amparados” de forma que o sentido da fala fosse preservado. Ou seja, podemos compreender que amparo está ligado ao laço com o outro (uma rede de apoio, na terapia) e a um amparo advocatício, legal

(com um advogado). Novamente, vemos a importância “legislativa” do amparo. De forma mais ou menos explícita, os sujeitos clamam por uma autoridade na forma de lei. Na fantasia de que o amparo seria garantido por ela, o advogado seria aquele que, pelo seu profundo conhecimento do sistema simbólico, me garante direitos e deveres (lei).

O estabelecimento da lei simbólica se encontra prejudicado, tendo em vista, o contexto no qual a função paterna se insere na sociedade neoliberal. A lei simbólica é fragilizada pelo imperativo do gozo inerente ao sistema capitalista de produção, na medida em que não se busca anular as pulsões que prejudicam o laço social. O imperativo do gozo nos aliena diante do desamparo, traduzindo a condição do desamparo em nossas compulsões consumistas e agressivas (Costa, 2005).

Resgato uma das falas de Jonas, “É tipo, bizarro assim, *o ambiente é totalmente insalubre*”. Quando o entrevistado se utiliza da palavra “insalubre”, surge uma noção interessante sobre o *streaming* enquanto emprego. Segundo Pantaleão (2011), insalubridade se refere

às atividades ou operações que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho, expõem o empregado a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza, da intensidade do agente e o tempo de exposição aos seus efeitos (Pantaleão, 2011, para. 3).

A menção sobre salubridade me leva a questionar, quais são os agentes nocivos à saúde do *streamer*? A partir de uma fala sobre a diferença entre ser um criador de conteúdo numa plataforma de *streaming* e um criador numa plataforma de conteúdo gravado como o *YouTube* ou *Instagram*, se evidencia um dos possíveis agentes nocivos, os *haters*.

Você pode... se abster um pouco da parte ruim da coisa, os *haters* (...) O lance do *streamer*, que por ser

tão instantâneo, talvez se você não tiver uma... se você não tiver um controle bom, uma saúde mental interessante, talvez seja muito difícil pra você, sacou? (Jonas)

No segundo semestre de 2021, o programa Fantástico da Rede Globo, realizou uma matéria entrevistando indivíduos que se identificam como *haters*. A matéria buscava compreender a motivação envolvida na prática de ser um *hater*; abaixo trago algumas falas presentes nas entrevistas realizadas pelo programa Fantástico.

Eu acho mais divertido ser maldoso, sarcasmo, irônico, debochado, maldoso. (...) *Se ela ficar deprimida eu acho até mais divertido ainda -risos-*. A gente acaba se entretendo, se divertindo com aquilo.

Não, não tem nada que possa acontecer demais assim comigo (resposta ao ser perguntada sobre medo de ser punida).

Essas falas nos demonstram uma parcela da agressividade presente no mundo virtual. A crueldade presente no discurso acima pode ser relacionada ao conceito psicanalítico da perversão, que Freud classifica como “uma forma de se posicionar em relação ao Complexo de Édipo para evitar a angústia de castração” (Staccioli e Rudge, 2003, p.82). A fim de evitar a angústia de castração, o perverso faz um percurso dividido em dois momentos: a recusa da castração e o recalque da recusa. Enquanto o deus do neurótico é o da submissão indiscriminada à lei, o deus do perverso é o deus da transgressão da lei. O perverso busca gerar angústia no outro, submetendo-o à sua própria lei, sendo isso, o que lhe franqueia o acesso ao gozo. A fim de obter êxito em sua procura, o perverso busca um outro que se submeta, mesmo que de forma injusta, a ele (Staccioli e Rudge, 2003).

A fim de investigar a relação dos outros participantes dessa pesquisa com os ditos *haters*, pergunto a Marcos se, em algum momento, teria produzido algo com uma proposta que foi recebida de forma ofensiva:

O maluco fez um comentário assim, *tanto que bateu que eu não esqueço até hoje que (leva a mão à região perto do peito, garganta)* era tipo assim, porra mano, isso ai é uma merda, tu não vai a lugar nenhum, melhor parar logo que tu ganha tempo (Marcos)

Há dois elementos que merecem destaque na fala apresentada: o afeto gerado pelo comentário e sua relação com a perversão como definida acima. A partir da resposta corporal de Marcos, ao levar a mão à região do peito e garganta, compreendo que denota algo da ordem de um sufocamento, aperto no peito e, portanto, faço relação com o que é dito por Chediak (2007, p.11), ao citar Lacan (2005, p.88) “A angústia é aquele afeto que não engana, que é companheiro do humano do nascimento à morte, que traz desconforto, aperta o peito, sufoca, invadindo o corpo e deixando o sujeito arrebatado, sem palavras”. A partir do que foi discutido sobre perversão, é possível perceber que, ao ser confrontado com o comentário negativo, Marcos se torna o objeto perfeito de gozo do perverso. O *hater* submete Marcos ao seu comentário e, “mesmo que inocente, ele assume a culpa, o fracasso, a fragilidade e a incompetência” (Staccioli e Rudge, 2003, p.88).

Aí fiquei malzasso, afetado por aquilo ali, fiquei “porra, de repente eu sou uma merda mesmo e é melhor parar e procurar outra coisa e tals” ai ficou aquilo remoendo e tal e dei até um tempinho de gravar e de fazer as paradas depois (Marcos).

Ana traz seu relato a respeito da exposição na internet, ao contar de um episódio em que a cantora Olivia Rodrigo foi criticada nas redes sociais por uma apresentação que não atendeu às expectativas de seus fãs no VMA (prêmio musical oferecido pela emissora MTV).

Não importa, você pode ser a pessoa mais plena, segura, autoconfiante que você vai ficar abalada com alguns comentários, a internet é muito maldosa nesse sentido (Ana).

Mais a frente, perguntei à Ana o que ela gostaria de evitar quando chegar aonde almeja (ser uma subcelebridade) o que ela gostaria de evitar

(...) não quero comentários maldosos, *eu sei que vai ter*, mas eu espero que as pessoas sejam um pouco mais boazinhas tipo, não muito maldosas, entendeu? (Ana).

A certeza de que se vai ser cancelado ou criticado de forma desproporcional/injusta, não deixa de ser uma fantasia. Como notado no Capítulo 1 deste trabalho, a fantasia, não necessariamente, é algo tido como positivo. A fantasia também pode ser um véu desprazeroso que encobre algo que é, supostamente, pior ainda.

Ao filtrar as contingências dos encontros de acordo com sua conveniência, a fantasia o protege dos maus encontros... do trauma pelo real. Às vezes, é claro, essa segurança é um peso para o sujeito, mas ainda assim é uma garantia contra o real (Collete Soler, citada por Chediak, 2007, p. 75).

A afirmação apresentada é aplicável às falas dos sujeitos presentes na seção (i) deste Capítulo 2 quando, ao serem confrontados com a possibilidade do cancelamento, compreendem que é uma etapa necessária à vida pública na internet.

Praticamente todo conteúdo que eu subia eu subo assim “*cara, ficou uma merda, mas eu vou subir assim mesmo, por que eu quero produzir e eu vou melhorando com o tempo*” ai vem porra, a parada da uma viralizadinha, porra, muito comentário legal falando bem, ai eu fico “*caralho, sério que nego tá rindo dessa merda?*” Sabe? *Eu não consigo olhar e falar “não, talvez não esteja tão ruim assim” eu falo “tão rindo dessa merda”* (Marcos).

A compreensão de Marcos a respeito da qualidade ruim dos seus conteúdos, é uma forma de se proteger, é uma tela que se põe diante do real. “Seja qual for o encanto do que está pintado na tela, trata-se de não ver o que se vê pela janela” (Lacan, 2005[1962-63], p.85). Pensar dessa forma, não blinda Marcos da possibilidade de seu medo se concretizar, mas antecipa um encontro com o real. Essa antecipação do encontro, permite que ele se torne suportável caso ele realmente ocorra.

Agora trataremos de outras fantasias produzidas por nossos participantes, para enfrentar o angustiante processo de se estabelecer na plataforma de *streaming*. O começo da carreira do *streamer* é um processo solitário, falando para o nada, investindo em um projeto cansativo e sem promessas. Perguntada a respeito de qual a maior dificuldade de Ana em ser uma *streamer* traz

Acho que é o fato de eu não saber falar sozinha, eu não saber falar sozinha (...) porque às vezes não tem ninguém no chat e você tem que, mesmo que não tenha ninguém, você tem que fingir que tem alguém, então você tem que ficar criando conteúdo (Ana).

Perguntei à *streamer* qual sentimento isso lhe gera.

Loucura. Eu me sinto doida e olha que eu sou doida laudada, mas eu me sinto mais doida do que eu já sou (Ana).

Os outros participantes trazem falas similares à de Ana.

você vai ligar a live com 0 pessoas vendo e se você não produzir, se você não entregar entretenimento... você vai ficar com 0 pessoas (...) O *streamer* meio que você entrega entretenimento para 0 pessoas. Até que vai chegando gente, entendeu? Então tem um ponto que é o *streamer* com 0 pessoas até ele alcançar sei lá, as 5 primeiras pessoas que vão todo dia (Jonas).

Para lidar com a angústia de estar sozinho, de estar falando para o nada, é melhor não saber que não há ninguém. Dessa forma, o *streamer* se permite criar conteúdo para quantos ele imaginar que estão ali junto a ele.

No aplicativo que você usa pra fazer a *live*, tem como você apagar as paradas, tem como você não saber quantas pessoas estão olhando, acho que quando alguém dá dica... quando alguém pede dica lá no chat, fala “pô, Jonas, quero *streamar*, que que eu faço?” a primeira coisa que eu falo é *esconde, mano, esconde pra você não ter ideia de quantas pessoas* (Jonas).

Pergunto a Jonas o porquê de esconder

(...) quando você olha 0 você dá uma desanimada, (...) então acho melhor você *hidar* (do verbo *hide*, que significa esconder em inglês) o negócio, não mostrar quantas pessoas tem te vendo e *você fingir que tem um milhão* (...) Tipo assim, eu realmente, na minha cabeça, nunca teve 0 pessoas me assistindo, porque eu nunca vi (...), eu sempre deixei apagado lá (...) Então você bota na sua cabeça, mano, tem 100 pessoas aí (...) vai *streamando*, vai *streamando* (Jonas).

O desamparo da solidão e da incerteza do sucesso presente no contexto do *streaming*, geram, nos produtores de conteúdo, angústia, e, para lidar com ela, se cria uma fantasia na qual existem um milhão de pessoas querendo consumir o meu conteúdo, de forma que ele não seja apenas um *louco* falando para o nada. Para além da insegurança presente na busca por ser um *streamer* de sucesso, ser um criador de conteúdo é uma experiência de solidão, principalmente, no início de tudo. Relatos de se tornar um estrangeiro dentro de suas próprias casas, passar semanas sem conseguir se encontrar com as pessoas que moram na mesma residência, são pequenas ilustrações da solidão presente em ser um criador de conteúdo.

Adiante neste capítulo, serão apresentadas reflexões a respeito da inserção do fenômeno do *streaming* em uma sociedade neoliberal. No primeiro capítulo deste trabalho,

levantei uma questão a respeito dos significantes que caracterizam a plataforma *twitch*, a partir do trabalho de Sousa (2019), quando afirma que

o sujeito que procura entender o que é o *Twitch* se depara com o apagamento do sentido que realmente o define enquanto “empresa”, por uma rede de sentidos que já circulam no universo dos jogadores: comunidade-clã-família-grupo de amigos (Sousa, 2019, p. 51).

A partir da fala de Marcos, aferimos que existem diferenças a respeito das questões ligadas à dimensão que o *streamer* tem na plataforma.

então de repente o lance deles (*streamers* grandes) esteja, ou em manter ou ganhar mais grana, enquanto o nosso tá mais voltado para pessoas nesse começo. *Pessoas que possam potencialmente virar digamos assim, entrada também de dinheiro pra gente viver disso* por que querendo ou não o pequeno tem essa preocupação e eu acho que o *streamer* que já consegue viver disso não tem a preocupação de viver disso e *transformar as pessoas em dinheiro*. (Marcos)

Agora, creio ser possível elaborar uma hipótese a respeito dos significantes que circulam na *twitch* a respeito da própria plataforma e da interação entre criador-espectador.

A partir das frases “Pessoas que possam virar entrada de dinheiro pra gente viver disso” e “transformar as pessoas em dinheiro”, temos uma compreensão melhor da relação entre criador-espectador. Os significantes “comunidade, chat, família” apagam a estrutura da relação entre o *chat* e o *streamer*. Enquanto os espectadores são compreendidos como sinônimo de dinheiro, os *streamers* são compreendidos como um objeto de entretenimento. Ao nos referirmos sempre à família, comunidade, etc., temos uma demonstração de um fenômeno já observado no mundo organizacional: a troca da palavra “funcionário” ou

“empregado” por “colaborador”, que tem como propósito estabelecer uma eufemização da relação exploratória do capital com o operário (Silva & Durães, 2016). Sendo assim, a comunidade está para o *sub* (dinheiro), como o colaborador está para o empregado.

A sociedade neoliberal gera uma nova coerção, a dinâmica de senhor e escravo é exercida por si e para si. Sendo o mesmo indivíduo, seu próprio senhor e seu próprio escravo (Han, 2015). O esgotamento se dá por estarmos em nossa própria companhia e vigiar constantemente nossa própria produção, somos vítimas de nossas próprias agressões compulsivas e doentias (Han, 2015). Pode-se ver a relação de Marcos com essa dinâmica (senhor-escravo) nas seguintes falas

eu me cobro pra caralho, todos os dias, com tudo (...) a pressão que eu coloco em mim é absurda, ninguém me pressiona mais do que eu mesmo pra ter resultado (Marcos)

O discurso apresentado é comum na sociedade contemporânea. Abaixo, trazemos a fala de Ana, sobre o motivo pelo qual ela parou, por um momento, de fazer lives.

Eu parei por que eu fiquei coisada da cabeça (...) tipo, eu tava me cobrando muito, eu tava fazendo muitas horas de live, 12 horas, 15 horas e não tava dormindo, não estava comendo, por que eu queria crescer na plataforma (Ana)

Compreendemos que o “se cobrar muito” é uma demonstração dessa auto-escravização. Períodos extenuantes de 12 a 15 horas de *stream*, se privar de comida, sono e saúde básica são elementos que demonstram a precariedade que existe na coerção presente na lógica do mercado digital selvagem.

Ana e Marcos ainda apresentam falas relacionadas ao fenômeno neoliberal da *uberização* das relações de trabalho. O fenômeno pode ser compreendido como uma nova forma de organização das relações de trabalho. Essa nova organização é “caracterizada pela descentralização do processo de produção e outra forma de propriedade dos meios de produção” (Sousa, 2019, p.54). A etimologia do conceito remonta ao nome da empresa/aplicativo de mobilidade urbana, *Uber*. Partindo do estudo de Sousa (2019), compreendemos que a precarização do trabalho é associada à insegurança laboral, estando o empregado sujeito às arbitrariedades do empregador, levando o homem a se sujeitar às novas regras do regime monetário e atendendo, sob medida, às demandas do mercado.

Eu acho que a twitch seria... uma espécie de ifood, uber... É uma empresa que, através da empresa você pode ganhar dinheiro, mas *ela não é sua parceira, ela não é sua empregadora, ela vai apenas te escravizar de certa forma pra você...* Pra ela obter mais lucro do que você, entendeu? Mas ao mesmo tempo é aquela questão né, igual uber, 99 e ifood, *sem ela eu não teria dinheiro então eu meio que preciso dela, mas ao mesmo tempo eu sou explorada pela empresa* (Ana).

uma dificuldade imensa de receber agora que caiu muito o valor (se referindo à troca do valor recebido por inscrito no canal) e isso fode um pouco o criador pequeno/médio e eu que recebi 3 meses seguidos agora fui receber, o valor mínimo, *o mesmo valor que eu recebia das outras vezes que eu tinha recebido 3 meses seguidos eu demorei 4 pra receber 1 agora dessa vez, sabe?* (Marcos)

As falas trazidas acima, são uma confirmação do fenômeno da *uberização/precarição* das relações de trabalho da sociedade neoliberal. Apesar da dificuldade apresentada pelos participantes a respeito da monetização de seus conteúdos, percebe-se o caráter de submissão voluntária do sujeito às mais variadas mudanças e

flexibilizações do mercado pela fala “sem ela (plataforma) eu não teria dinheiro então eu meio que preciso dela, mas ao mesmo tempo eu sou explorada pela empresa” (Ana).

Ao retomarmos a discussão a respeito da violência estrutural do desemprego (tradução nossa) (Bourdieu, 1998), compreendemos que os efeitos gerados por essa violência também ressoam nas plataformas de *streaming*, ao passo que, o *streamer* é apenas mais um canal na plataforma e, por ser tão facilmente substituível, expressa uma dimensão agonística de competição e rivalidade interpessoal. Mas essa rivalidade não é apenas uma competição interpessoal com outros *streamers*, é também uma rivalidade consigo mesmo. É uma rivalidade com as necessidades apresentadas pela condição humana, como: sono, descanso, comida e saúde psíquica.

Resgatando o que foi pontuado num momento inicial deste trabalho, ao acentuar o potencial de sofrimento psíquico atrelado ao acompanhamento constante das estatísticas de seus canais (Johnson, 2018), refaço a questão: Como o criador de conteúdo compreende as variações das estatísticas e que tipo de efeitos isso produz? Trouxemos algumas falas de Jonas que demonstram os efeitos que o acompanhamento das estatísticas tem sobre ele em relação ao número de espectadores ao vivo acima. Marcos também aborda o assunto em sua entrevista.

ganhei 10 seguidores e depois tu olha porra, 3 pessoas pararam de me seguir, *por que? Que que eu fiz de errado? Que que aconteceu? Tu começa a se contestar muito.* (...) vai ter um dia que tu vai olhar vai perder um seguidor e falar caraca, por que parou de me seguir? O que será que eu fiz de errado? Será que eu tô entregando um conteúdo pior? *Aí tu começa a colocar um monte de questão na tua cabeça por causa dos números que tu tá acompanhando muito de perto* (Marcos)

As falas destacadas corroboram com o estudo de Johnson (2018), sobre o potencial negativo do acompanhamento constante das estatísticas e fornece também um motivo para justificar o sofrimento, que é “tu começa a se contestar muito” (Marcos). Então a resposta da pergunta: como o criador de conteúdo enxerga as variações das estatísticas? Dá-se na ordem da contestação, da insegurança. A experiência da insegurança, nos remete a uma experiência do oráculo, como dita por Dunker (2021) que de forma muito opaca, difícil de compreender, os números regem a produção do criador de conteúdo. Não se sabe por que as estatísticas flutuam, por que me seguem ou deixam de seguir, não se sabe por que se *viraliza* ou não, daí se dá a experiência do oráculo, que pode ser traduzido na experiência do sujeito diante do "algoritmo" da rede que inflaciona ou deflaciona o impulsionamento de certos canais e conteúdos sem critérios bem definidos.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos investigar o fenômeno do *streaming* na contemporaneidade. Mais especificamente, buscamos investigar o impacto da lógica neoliberal nos processos de sofrimento psíquico em *streamers* e identificar algumas das diferentes formas de sofrimento psíquico que podem afetar este grupo.

Considero que os objetivos propostos no início deste trabalho foram atingidos. A partir da fundamentação teórica apresentada, foi possível identificar elementos do discurso dos participantes, que demonstram e exemplificam alguns princípios da lógica neoliberal no contexto do *streaming*. Seja por via da compulsão à produção, seja por via da precarização das relações de trabalho, o impacto negativo do neoliberalismo na saúde psicológica dos sujeitos se demonstrou evidente.

A partir da discussão apresentada relativa à fantasia e sua função protetora contra a angústia, pudemos ver de que forma a exposição na internet, os elementos característicos do *streaming* como o aspecto de *profissão delirante* (Dunker, 2020) podem ter no sujeito, produzindo fantasias inconscientes para não terem que lidar com as angústias relativas ao contexto digital. As fantasias construídas pelos sujeitos demonstraram que a internet é um lugar em que aquele que tenta se sustentar a partir da produção de conteúdo, está exposto ao outro constantemente, sujeito a suas críticas e crueldades, demonstrando o caráter de desamparo daqueles que correm o risco de se expor. Também foi evidenciado, a partir da discussão sobre a fragilidade da lei simbólica, a vulnerabilidade presente no ambiente virtual ao nos situarmos numa sociedade marcada pelo imperativo do gozo (Costa, 2005).

Muito aqui se discutiu a respeito do cancelamento. Sobre isso, não buscamos defender um ou outro lado (a favor ou contra o cancelamento), mas tratamos aqui de evidenciar a lógica do que Dunker (2015) chamou de "sintoma social", ao discutir a lógica do condomínio. A relevância de evidenciar a lógica por trás desses sintomas sociais, se dá na possibilidade de estabelecer bases teóricas para que o cancelamento possa ser discutido também de forma acadêmica.

Sobre as limitações deste estudo, pontuamos a relevância de investigar também os fenômenos sociais apresentados aqui a partir do ponto de vista dos espectadores. Em alguns momentos, a perspectiva dos espectadores foi abordada, mas o conteúdo abordado neste trabalho, do ponto de vista dos espectadores, é muito incipiente e merece mais estudo, tendo em vista que, as *profissões delirantes* (Dunker, 2020) dependem apenas do que pensam de nós e, portanto, o que pensam de nós (*streamers*)? Além disso, é importante que mais pesquisas, com a mesma proposta dessa atual, sejam feitas com *streamers* de maior projeção no ambiente virtual, uma vez que as questões relativas a *streamers* pequenos e grandes possuem um grau considerável de diferença, segundo os criadores aqui entrevistados.

Sobre as potencialidades deste estudo, pontuo que ele busca se inserir num contexto incipiente dentro dos estudos psicológicos e sociais a respeito do fenômeno do *streaming* na contemporaneidade. Além de contribuir com as bases teóricas para se compreender o fenômeno do *streaming*, esse estudo busca inserir, no meio acadêmico e na clínica, significantes e ideais que se tornam importantes para a compreensão das questões que se apresentam diante dos agentes sociais que estão implicados na construção de uma sociedade mais saudável. Além dos fatos apresentados, esse estudo também tem como mérito, a

exposição de estruturas e formas de relações entre o sujeito e o neoliberalismo, de forma que essas estruturas de poder possam ser reconhecidas e, possivelmente, repensadas.

Ao final deste trabalho, considero que pude contribuir com uma mensagem *post mortem* deixada por Etika, criador de conteúdo que se suicidou em 2019 e cuja história conto brevemente na introdução. Etika deixou um pedido em sua última publicação nas redes sociais: *Que a minha história seja uma que aconselhe cuidado com essas m*rdas de rede social, cara. Isso pode te f*der.* Contar a história de Etika não foi fácil e não deveria ser. Que esse trabalho, humildemente, de alguma forma, possa contribuir com um ambiente mais democrático e acolhedor na internet.

Referências

- Baldiserra, R. D. S., Bletsch, S., Dallabrida, R., Mascarello, C. G., & Cervi, T. (2021). Cultura do Cancelamento: Uma Perspectiva Psicanalítica. *Salão do Conhecimento*, 7(7).
- Bock, A., Furtado, O., & Teixeira, M. D. (2003). *Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Bourdieu, P. (1998) *The Essence of Neoliberalism*. Retirado de <https://mondediplo.com/1998/12/08bourdieu> Consultado em 24/03/2021
- Caponi, S. & Daré, P. K. (2020) Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico: A Psiquiatrização dos Padecimentos no Âmbito Escolar. *Mediações - Revista de Ciências Sociais* 25(2), 302-320.
- Chediak, G. D. F. Sobre a angústia: um ensaio psicanalítico. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Psicologia, UnB, Brasília, 2007.
- Cordeiro, E. F. (2010). *O inconsciente em Sigmund Freud*. Retirado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>
- Costa, V. A. D. S. F. (2005). *Lei simbólica, desamparo e pânico na contemporaneidade: Um estudo psicanalítico*.
- D'Anastasio, C. (2016) *That YouTuber's Infamous 'Nintendo Switch' Is Fake [CORRECTED]*. Disponível em <https://kotaku.com/that-youtuber-s-infamous-nintendo-switch-is-fake-178909629>
1 Consultado em 29/03/2021
- D'Anastasio, C. (2019) *YouTuber Etika Livestreams Himself Getting Detained By Police To 19,000 Viewers*. Disponível em <https://kotaku.com/youtuber-etika-livestreams-himself-getting-detained-by-1834393923> Consultado em 29/03/2021

- Dardot, P. & Laval, C. (2016) *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (M. Echalar, Trads.). São Paulo: Boitempo. (Obra originalmente publicada em 2009)
- Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. J. Zahar.
- Dunker, C. I. L., Milán-Ramos, J. G. & Paulon, C. P. (2016) *Análise Psicanalítica de Discurso - Perspectivas Lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo Editorial.
- Dunker, C. I. L. (2017) *O que é a "lógica do condomínio"?* | Christian Dunker | *Falando nIsso 117*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z3fvSg9_6Mo Consultado em 13/11/2021.
- Dunker, C. I. L. (2020) *Quem tem medo do cancelamento?* Disponível em <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/> Consultado em 30/10/2021
- Dunker, C. I. L. (2021) *Karol Conká e a cultura do cancelamento* | Christian Dunker | *Falando nIsso 302*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZVyt5ZcRYa4> Consultado em 21/10/2021.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: Algumas Ideias e um Exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70). 257-278.
- França, K. M. (2011) *O Papel do Complexo de Édipo e da Castração na Constituição do Sujeito*.
- FREUD, S. (2012). 1923. *Psicologia das massas e análise do eu*. _____. *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1923)*. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 209-224.

- Fuentes, L. *Crianças agora buscam 'carreira' de youtuber*. Disponível em <https://veja.abril.com.br/especiais/criancas-agora-buscam-carreira-de-youtuber/>
Consultado em 30/10/2021
- Globo (2021). *Relembre a Saída de Karol Conká do BBB 21*. Disponível em <https://gshow.globo.com/realities/bbb/noticia/relembre-a-saida-de-karol-conka-do-bbb21.ghtml> Consultado em 01/11/2021
- Guarità, L. P. (2020) *Psicanálise, Mídia e Contemporaneidade: Uma Análise do Discurso Midiático Acerca do Tratamento Psicanalítico*. (Monografia) Retirado de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14474>
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. (E. P. Giachini. Trans) Petrópolis: Editora Vozes Limitada. (Obra originalmente publicada em 2010)
- Harvey, D. (2008) *O Neoliberalismo: História e Implicações*. (A. Sobral & M. S. Gonçalves, Trans.) São Paulo: Edições Loyola (Obra originalmente publicada em 2005).
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Agora: Estudos em teoria psicanalítica*, 6(1), 115-138.
- Johnson, M. R. (2018) Inclusion and exclusion in the digital economy: disability and mental health as a live streamer on [Twitch.tv](https://www.twitch.tv). *Information, Communication & Society*, 22 (4), 506-520.
- Katzowitz, J. (2019) *Etika tweets anti-Semitic, homophobic messages—then gets detained (updated)*. Disponível em <https://www.dailydot.com/upstream/etika-anti-semitic-homophobic-tweets/>
Consultado em 29/03/2021
- Kim, E. (2014) *Amazon Buys Twitch For \$970 Million In Cash*. Disponível em <https://www.businessinsider.com/amazon-buys-twitch-2014-8>

- Klikauer T. (2016) Introduction: Hegel's Philosophy of Corporations. In: Hegel's Moral Corporation. Palgrave Macmillan, London.
- Kramer, J.C. (2017) *A economia compartilhada e a uberização do trabalho: utopias do nosso tempo?* (Dissertação de Mestrado). Retirado de <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=31194&idprograma=40001016017P3&anobase=2017&idtc=44>
- Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(1), 44-66.
- Maranhão, B. C. C. D. A. (2005). *O Poderoso Chefão-ou da paternidade como fundamento da lei em Totem e tabu, de Freud*. *Reverso*, 27(52), 37-41.
- Matsumoto, G.H. (2019). *Fatores de sucesso para canais de live streaming de jogos online na percepção dos usuários brasileiros da Twitch.tv*. (Monografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- May, E. (2021) *Streamlabs and Stream Hatchet Q4 Live Streaming Industry Report*. Disponível em <https://blog.streamlabs.com/streamlabs-and-stream-hatchet-q4-live-streaming-industry-report-a898c98e73f1>
- Miller, J. A. (1984/1994). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Editora Jorge Zahar.
- Mises, L. V. (2010) *Ação Humana: Um Tratado de Economia* (Donald Stewart Jr., Trads.) São Paulo: Instituto Ludwig von Mises. (Obra originalmente publicada em 1949).
- Montardo, S. Fragoso, S. Amaro, M. Paz, A. (2017) Consumo digital como performance sociotécnica: Análise dos usos da plataforma de streaming de games Twitch. *Comunicação, mídia e consumo*, 14 (40), 46-69.
- Orlandi, E. P. (2005). Michel Pêcheux e a análise de discurso. *Estudos da Língua(gem)*, 1, 9-13.

- Orlandi, E. P. (2012) *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Pantaleão, S. F. (2011). *Insalubridade - O que é?* Disponível em <http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/insalubridade.htm> Consultado em 07/11/2021
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348.
- Safatle, V., Silva Jr, N., & Dunker, C.I.L. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Scotti, S. (2012). Psicanálise: Uma Ética do Desejo. *Revista Psicologia*, 3(2). 56-60. Retirado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/121>
- Silva, W. T., & Durães, S. J. A. (2016) Operário, Trabalhador, Funcionário ou Colaborador: Um Estudo Entre As Questões Conceituais que Visam Amenizar a Exploração do Trabalho Moderno.
- Sjöblom, M e Hamari, J. (2017) Why do people watch others play video games? An empirical study on the motivations of Twitch users. *Computers in Human Behavior*, 75, 985-996.
- Sousa, I.R.L. (2019) *Sujeito em jogo: o funcionamento do discurso sobre o jogo no twitch* (Tese de Doutorado). Retirado de <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/8398>
- Souza, C. A. P. e Lemos, R. (2016). Aspectos Jurídicos da Economia de Compartilhamento: Função Social e Tutela da Confiança. *Revista de Direito da Cidade*, 8 (4), 1757-1777.
- Staccioli, S. L. C., & Rudge, A. M. (2003). Perversão e ética na clínica psicanalítica. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, 3(1), 78-95.

Twitch (2019). *Programa de Afiliados da Twitch*. Disponível em <https://affiliate.twitch.tv/pt-br/> Consultado em 05/08/2021

Anexos

Anexo 1 – TCLE

(UniCEUB – Centro Universitário de Brasília)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (61)3966-1200.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Neoliberalismo e o Ambiente Virtual: Uma Investigação sobre o Sofrimento Psíquico de Criadores de Conteúdo em Plataformas de *Streaming*

Pesquisador Responsável: Pedro Saraiva de Oliveira

Email para contato: pedrospico@sempreceub.com

Orientador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

◆ Entrevistas abertas semi-estruturadas com duração prevista de uma hora

- ◆ Gravação de áudio e vídeo na plataforma Google Meet, com a permissão do entrevistado. Caso a entrevista ocorra de forma presencial, será realizada apenas a gravação do áudio com a permissão do participante.
- ◆ A identidade dos entrevistados será preservada, tendo seus nomes substituídos por letras.
- ◆ As gravações e suas respectivas transcrições serão manuseadas apenas pelo pesquisador e orientador responsáveis pela presente pesquisa.

NATUREZA E OBJETIVOS DO ESTUDO

- ◆ O objetivo desta pesquisa é investigar o fenômeno dos streamers na contemporaneidade, procurando compreender alguns dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por esses sujeitos.
- ◆ Você está sendo convidada a participar dessa pesquisa por ser um sujeito entre 18 e 45 anos, que tenha a maior parte de sua renda advinda de *streams*.
- ◆ Nesta pesquisa não há remuneração e nem custos para os participantes.

RISCOS E BENEFÍCIOS

- ◆ Por tratar-se de um tema delicado, as perguntas que estarão contidas na entrevista podem ser mobilizadoras e gerar emoções subjetivas nos participantes
- ◆ Os participantes estarão contribuindo para a produção de conhecimento psicanalítico.
- ◆ Os participantes estarão contribuindo para produção de conhecimento a respeito de um novo fenômeno social pouco pesquisado.

Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ CPF _____,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo Neoliberalismo e o Ambiente Virtual:

Uma Investigação sobre o Sofrimento Psíquico de Criadores de Conteúdo em Plataformas de *Streaming*. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Pedro Saraiva de Oliveira sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Anexo 2

Roteiro da entrevista

- 1) Como/quando você conheceu o streaming?
- 2) Quando você pensou sobre ser um streamer de tempo integral?
- 3) Como foi a decisão?
 - 3.1) Como foi o início?
- 4) O que você imaginava alcançar quando começou a streamar?
- 5) Quando você era criança, o que você queria ser quando crescesse?
- 6) Como é ser um streamer?
 - 6.1) Qual a diferença entre ser um “Streamer” e ser outro tipo de criador de conteúdo?
- 7) Como é a sua comunidade?
- 8) Você transmite um personagem ou “é você mesmo”?
- 9) Quais são as dificuldades enfrentadas pelos streamers?
- 10) E quais são/foram as suas dificuldades?
- 11) expectativas para a vida/futuro?

Anexo 3

Formas de monetização da twitch:

- *Inscrito*: Inscrições permitem que a sua comunidade possa lhe dar apoio de forma consistente, e fazer isso pode render benefícios exclusivos. Além do clima positivo, os inscritos também ganham acesso a emotes globais personalizados que podem ser usados por toda a Twitch, distintivos de inscrito, visualização sem anúncios e muito mais”. De forma mais desestruturada o, apelidado carinhosamente de sub, é: “Uma inscrição permite que um espectador pague um valor de no mínimo US\$4,99 por mês para dar apoio ao seu canal, seja uma única vez ou continuamente. Os inscritos ganham acesso a seus emotes e outros benefícios que você pode definir.” Inscrições podem ser dadas de um membro para outro também.

Informações retiradas de:

(<https://www.twitch.tv/creatorcamp/pt-br/get-rewarded/bits-and-subscriptions/>)

- *Ad*: Parceiros e Afiliados com públicos de qualquer tamanho podem ganhar uma renda com a exibição de anúncios. À medida que a audiência cresce, a receita obtida com anúncios também aumenta. Intervalos comerciais podem durar entre 30 segundos e 3 minutos, e a renda obtida com anúncios depende do número de espectadores que os assistirem - quanto mais assistirem a um anúncio, mais você irá ganhar. Sugerimos que você reproduza múltiplos intervalos comerciais curtos ao longo da transmissão, ao invés de reproduzir todos no início ou no final - a audiência costuma ser maior na metade da transmissão, o que maximiza a sua renda.

Informações retiradas de:

(<https://www.twitch.tv/creatorcamp/pt-br/get-rewarded/running-ads/>)

- *Bits*: “Os Bits são uma mercadoria virtual que os seus espectadores podem usar para enviar Cheers no chat para demonstrar apoio, celebrar momentos e amplificar a sua voz. Quando um espectador envia Cheers, emotes animados de gemas de Bits, Cheermotes (versões animadas de emotes populares) ou Cheermotes personalizados (para parceiros) irão aparecer no chat. Você recebe US\$0,01 para cada Bit usado no seu chat.”

Informações retiradas de:

(<https://www.twitch.tv/creatorcamp/pt-br/get-rewarded/bits-and-subscriptions/>)

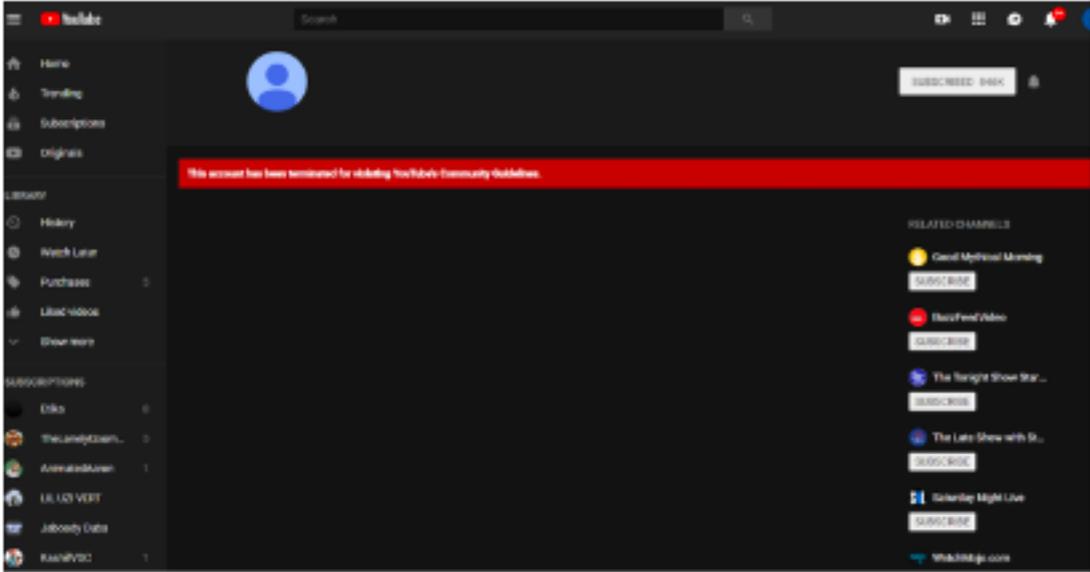
- *Doações*: Alguns streamers disponibilizam links de serviços como o PayPal ou o próprio Pix para contribuições financeiras voluntárias.

Anexo 4

Posted by u/EtikaWorldNetwork  2 years ago  

6.9k   And now, it's my turn to die. I love you all. Keep fighting for me, ok? I'll miss yall :* make the world better for your own kids, and REMEMBER TO STARGAZE. These last 6 years have been an HONOR.

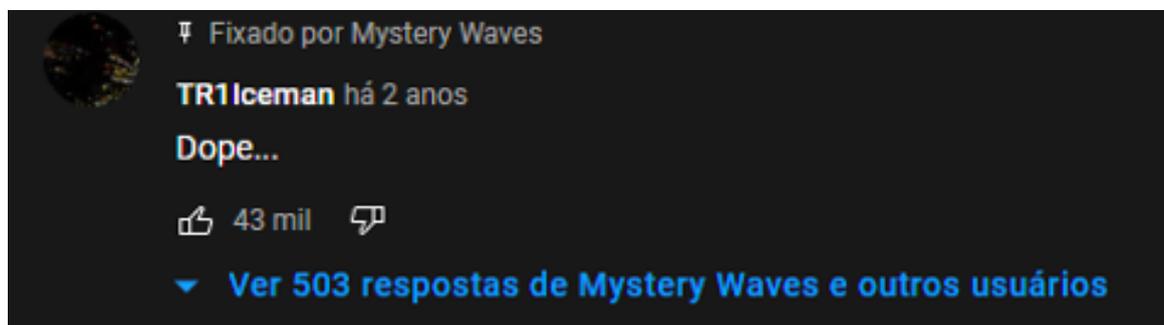
Etika Official



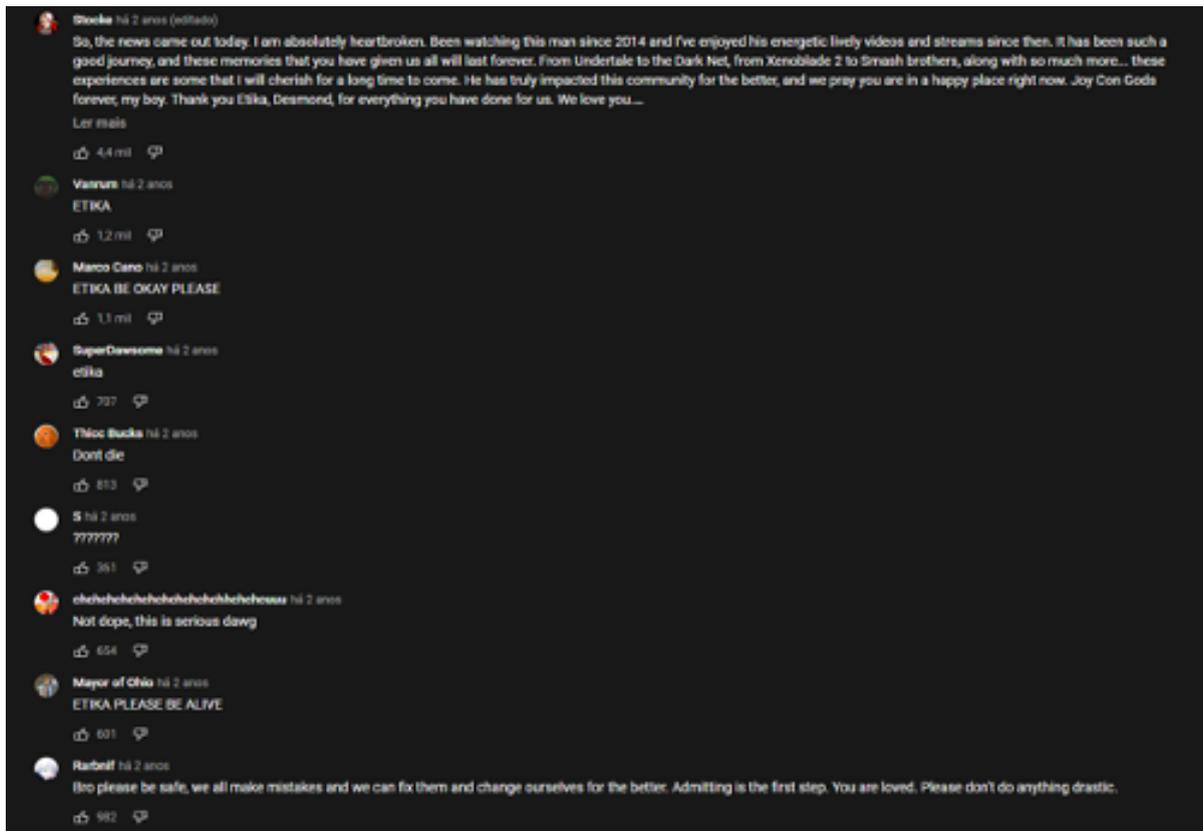
The screenshot shows a YouTube channel page for 'Etika Official'. A prominent red banner at the top of the channel page reads: "This account has been terminated for violating YouTube's Community Guidelines." The channel's navigation menu is visible on the left, including Home, Trending, Subscriptions, Originals, Library, History, Watch Later, Purchases, Liked Videos, and Shared With. The 'SUBSCRIPTIONS' list includes Etika, TheLambTeam, AmalambMun, UK 121 VERT, Jobody Data, and RaviVSC. The 'RELATED CHANNELS' section on the right lists several channels with 'SUBSCRIBE' buttons: Good Medical Morning, BestFeedVideo, The Tonight Show St..., The Late Show with St..., and Sunday Night Live. At the bottom of the video player, there are interaction options: 1.8k Comments, Award, Share, Save, Hide, Report, and 82% Upvoted.

1.8k Comments  Award  Share  Save  Hide  Report 82% Upvoted

Anexo 5



Anexo 6



Anexo 7

 Mig 2 anos (rolfado)
 (This comment is meant for informing those unfamiliar with what Etika has to do with this video. Please be aware that this involves triggering topics such as suicide. Much love to everyone.)

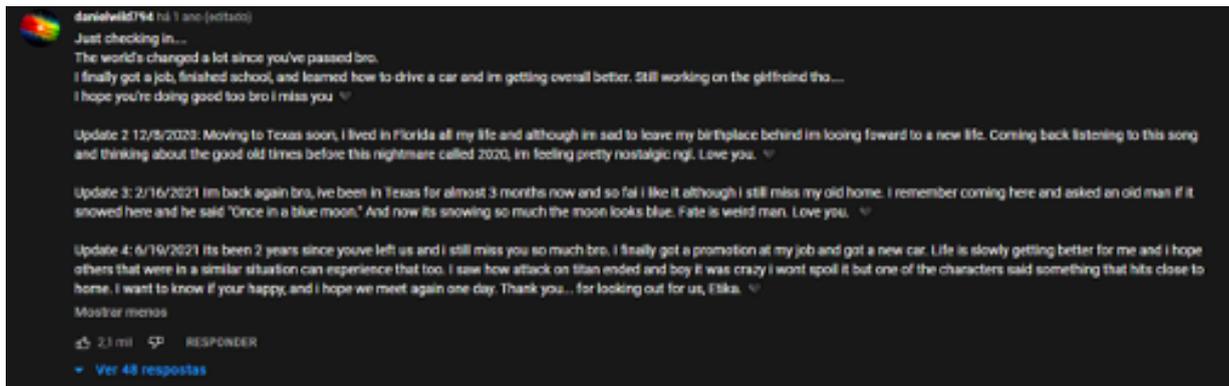
[Who he was]
 Desmond Amofah, who was commonly known as Etika, was a content creator and streamer on YouTube. Prior to him going missing and his sudden passing, he exhibited many signs of mental struggles, as well as facing controversy over a mental breakdown that happened on an Instagram live. Unfortunately, all of it seemed to reach his breaking point. His last known video was an apology which was also essentially his final message. The original video has since been taken down, though reuploaded and easily accessible from other channels. After this, he was reported missing. On June 19, whereabouts still unknown, his belongings were found on the Manhattan Bridge. Days later, an unidentified body was spotted and recovered down the East River, and was unfortunately confirmed to be his body, which sadly implies that he did commit suicide. He was pronounced dead on the scene, and the presumed cause of his death was suicide by jumping and drowning in the river.

[His involvement with this video]
 Etika made a comment on this video under the name TR1K00man, which was an alternative account he used for uploading other content, and the only account that is still up that was owned by him. The comment itself simply reads "Dope..." and is pinned. Its significance is carried by the fact that this was his last known activity on YouTube (besides his taken down apology) before he committed suicide, and the last song he may have listened to.

[Additional context]
 432 Hz songs are believed to have a healing effect towards people who listen to them, and Etika may have listened to this specific one to try to help himself feel better and heal the pain he may have gone through. It's the entire reason why all of this has to do with this video.

I wish he was still here, and I bet a lot of you do too.

Anexo 8



danishwild794 (id: 1 ano (posts))
Just checking in...
The world's changed a lot since you've passed bro. I finally got a job, finished school, and learned how to drive a car and im getting overall better. Still working on the girlfriend tho... I hope you're doing good too bro I miss you. 🥺

Update 2: 12/8/2020: Moving to Texas soon, I lived in Florida all my life and although im sad to leave my birthplace behind im looking foward to a new life. Coming back listening to this song and thinking about the good old times before this nightmare called 2020, im feeling pretty nostalgic ngl. Love you. 🥺

Update 3: 2/16/2021 im back again bro, ive been in Texas for almost 3 months now and so far i like it although i still miss my old home. I remember coming here and asked an old man if it snowed here and he said "Once in a blue moon." And now its snowing so much the moon looks blue. Fate is weird man. Love you. 🥺

Update 4: 6/19/2021 its been 2 years since youve left us and i still miss you so much bro. I finally got a promotion at my job and got a new car. Life is slowly getting better for me and I hope others that were in a similar situation can experience that too. I saw how attack on titan ended and boy it was crazy i wont spoil it but one of the characters said something that hits close to home. I want to know if your happy and i hope we meet again one day. Thank you... for looking out for us, Elka. 🥺

Mostrar menos

👤 2.1 mil 🗨️ RESPONDER

👉 Ver 48 respostas

Anexo 9

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Eu te vejo, Etika!: Uma Investigação sobre o Sofrimento Psíquico de Criadores de Conteúdo em Plataformas de Streaming

Pesquisador: JULIANO MOREIRA LAGOAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51201421.6.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.993.813

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" e/ou do "Projeto Detalhado".

Trata-se de uma pesquisa do campo da psicologia e com viés de procurar entender sofrimentos psíquicos de quem trabalha nas transmissões de vídeos.

A equipe de pesquisa buscará fazer entrevistas semi-estruturadas com pessoas adultas que tenham a maior parte de sua renda advinda de live streaming, mas em um cenário de precarização dos serviços. A proposta é ouvir um grupo de três pessoas sobre as pressões dessa cultura em uma sociedade marcada pela flexibilização e precarização do trabalho.

O recrutamento dos participantes ocorrerá por mensagens diretas nas redes sociais de pessoas que se adequem ao perfil da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador aponta que o objetivo primário é o de "investigar possíveis formas de sofrimento psíquico em criadores de conteúdo em plataformas de streaming".

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 4.993.813

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador considera como riscos as características da entrevista semi-estruturada porque, ao mobilizar os participantes, as perguntas podem "causar desconforto emocional psíquico".

Como benefícios, o pesquisador elenca o rol de conhecimentos que o levantamento pode gerar para o campo de estudo. "O estudo irá ser um dos primeiros trabalhos realizados no contexto brasileiro que busca investigar novos fenômenos do mundo contemporâneo relacionados ao exercício da profissão de criador de conteúdo e sua relação com o sofrimento psíquico".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho de pesquisa do campo da psicologia tem relevância acadêmica ao tratar de tema atual e presente do campo de trabalho da tecnologia.

O trabalho será feito com entrevistas semi-estruturadas a serem realizadas por meio do Google Meet que serão gravadas e transcritas para posterior análise de dados.

As entrevistas, após serem gravadas, serão transcritas e organizada por análise de discurso. O contato será gravado em vídeo.

São 11 perguntas trazidas no anexo do projeto. As mais delicadas são as seguintes: "(9) Quais são as dificuldades enfrentadas pelos streamers?; (10) E quais são/foram as suas dificuldades?; e "11)quais são as expectativas para a vida/futuro?".

O instrumento, não obstante, se coaduna com os objetivos da pesquisa e, ao centrar o olhar para uma amostra de conveniência, entendemos que os riscos foram reduzidos. O TCLE explica ao participante como ocorrerá a pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos entregues foram os seguintes:

- Projeto detalhado;
- Projeto postado na Plataforma BR;
- TCLE; e
- Folha de Rosto.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A partir da documentação entregue, avaliamos que o trabalho encontra as condições para a continuidade do levantamento de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.987.413/21, tendo sido homologado na 15ª Reunião Ordinária do CEP-UnICEUB do ano em 10 de setembro de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1803086.pdf	26/08/2021 18:03:51		Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoPedroSaraiva.pdf	26/08/2021 18:02:42	PEDRO SARAIVA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	confirmacaocoordenacao.pdf	26/08/2021 18:02:33	PEDRO SARAIVA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	VersaofinalProjetodeMonografiaPedroSaraivadeOliveira.pdf	17/08/2021 11:48:14	PEDRO SARAIVA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/08/2021 11:44:28	PEDRO SARAIVA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br